COLEÇÃO

PLACAR

Abril

GRANDES REPORTAGENS DE PLACAR

FLUMINENSE

- OS TÍTULOS BRASILEIROS DE 70 E 84
- O TRI CARIOCA 83/84/85
- O FLA-FLU DE 95
- A MÁQUINA DE RIVELINO
- 23 TEXTOS ORIGINAIS DA REVISTA

CR$ 3,90
1204-E NOV 01
12534/1
WWW.PLACAR.COM.BR
893614 010779

SUMÁRIO

CARTA AO LEITOR

AMOR À CAMISA

Logo em seu primeiro ano de vida, PLACAR cobriu o primeiro título nacional conquistado pelo Fluminense, em 1970 – então o Campeonato Brasileiro não tinha esse nome, mas o vencedor da Taça de Prata era reconhecido por todos como tal, como deve ser até hoje, e representava o Brasil na Taça Libertadores. Desde então, a revista acompanhou de perto a história tricolor, como mostra esta seleção de 23 das principais reportagens sobre o clube nas últimas três décadas. A escolha privilegiou os textos sobre as muitas conquistas tricolores no período, incluindo algumas menos lembradas, mas nem por isso menos importantes, como os troféus ganhos no exterior em 1976 e 1977, e jogos inesquecíveis, como a estréia de Rivelino contra o Corinthians no Maracanã, sem esquecer momentos difíceis, como a passagem pela segunda e terceira divisões.

P.S.: A camisa do Fluminense que ilustra a capa desta edição nos foi cedida por cortesia do colecionador paulista João Trinca. Ela foi vestida por Marco Antonio no jogo Corinthians 1 x 2 Fluminense, no Pacaembu, em 6 de março de 1975.

ANDRÉ FONTENELLE, REDATOR-CHEFE

SUMÁRIO

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor de Publicidade: Paulo Cesar Araújo
Vice-Presidente de Negócios: Giancarlo Civita

Diretor de Núcleo: Paulo Nogueira

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho **Diretor de Arte:** Fábio Bosquê Ruy **Redator-Chefe:** André Fontenelle **Editor de Fotografia:** Ricardo Corrêa Ayres **Editores Especiais:** André Rizek, Arnaldo Ribeiro e Fabio Volpe **Repórteres:** Eduardo Cordeiro, Léo Romano e Rodrigo Garofalo **Subeditor de Fotografia:** Alexandre Battibugli **Fotógrafo:** Eduardo Monteiro (RJ) **Diagramadores:** André Koguti e Crystian Cruz **Atendimento ao Leitor:** Silvana Ribeiro **Colaboraram:** Leonardo Fuhrmann, Marcelo Monteiro, Renata Chiurciu, Rita Palon

APOIO EDITORIAL: Depto. de Documentação: Susana Camargo **Abril Press:** José Carlos Augusto **Nova York:** Grace de Souza **Paris:** Pedro de Souza **Rio de Janeiro:** Débora Chaves

Diretor Comercial: Alexandre Caldini

MARKETING E CIRCULAÇÃO: Diretor: Ricardo Packness de Almeida **Gerente de Produto:** Euvaldo Junior **Assistente de Produto:** Erica Lemos **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Projetos Especiais:** Cristina Ventura
PUBLICIDADE: Diretores: Eliani Prado, Rogério Gabriel Comprido, Sérgio Ricardo do Amaral **Gerentes:** Cristiane Tassoulas, Ricardo Luttgardes (RJ) **Executivas de Negócios:** Leda Costa (RJ), Maria Isabel Mandia **Executivos de Contas:** Emilliano Hansenn, Henri Marques (RJ), Renata Miolli
PROCESSOS: Gerente de Produção: Andrea Giovanni Spelta **Coordenadores de Publicidade:** Irla Ferneda, Renato Rosante **Coordenador de Produção:** Ricardo Carvalho
PLANEJAMENTO E CONTROLE: Gerente: Auro Iasi **Consultora Financeira:** Lourdes Oliveira

Gerente Escritório Brasília: Angela Rehem de Azevedo **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor Escritório Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Representante em Portugal:** Manuel José Teixeira **Diretor de Publicidade - Classificados:** Pedro Codognotto
ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Ana Dávalos
Diretor de Vendas: William Pereira

EM SÃO PAULO: Redação e Correspondência: av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax (11) 3037-5638 **Publicidade:** av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902.
ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL: Belo Horizonte: av. do Contorno, 5919, 9º and., Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vânia R. Passolongo, tel.: (31) 282-0630, fax: (31) 282-8003 **Blumenau:** r. Florianópolis, 279, Bairro da Velha, CEP 89036-150, M. Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, telefax: (47) 329-6191 **Brasília:** SCN - Q.1 bl. Ed. Brasília Trade Center, 14º and., sl. 1408, CEP 70710-902, Solange Tavares, tel.: (61) 315-7575, fax: (61) 315-7558 **Campinas:** r. Conceição, 233, 26º and., conjs. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **Curitiba:** av. Cândido de Abreu, 651, 12º and., Centro Cívico, CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426, fax: (41) 252-7110 **Florianópolis:** r. Manoel Isidoro da Silveira, 610, sl. 107, Com. Via Lagoa da Conceição, Interação Publicidade, tel.: (48) 232-1617, telefax: (48) 232-1782 **Fortaleza:** av. Desembargador Moreira, 2020, sls. 604/605, Aldeota, CEP 60170-002, SRS Propaganda e Repres. e Com. Ltda., telefax: (85) 264-3939 **Goiânia:** r. 10, 250, lj. 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Repres. Ltda., tel.: (62) 215-3274, telefax: (62) 215-5158 **Joinville:** r. Dona Francisca, 260, cj. 1408, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Proj. Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax: (47) 433-2725 **Londrina:** r. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP 86040-550, Best Seller Repres. Com., telefax: (43) 325-9649 **Porto Alegre:** r. dos Andradas, 1001, sl. 902, Centro, CEP 90020-007, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3211-6744, fax: (51) 3211-6908 **Recife:** av. Dantas Barreto, 1186, 15º and., sl. 1501, São José, CEP 50020-000, MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax: (81) 424-3210 **Ribeirão Preto:** r. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda., tel.: (16) 635-9630, fax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro:** Praia de Botafogo, 501, 1º and., bl. B, Botafogo, CEP 22250-040, Paulo Renato Simões, tel.: (21) 2546-8100, fax: (21) 2546-8201 **Salvador:** av. Tancredo Neves, 805, sl. 401, Edif. Espaço Empresarial, Pituba, CEP 41820-021, AGMN Consult. Publ. e Repres., telefax: (71) 341-4992/4996 **Vitória:** av. Rio Branco, 304, 2º and., cj. 44, Sta. Lúcia, CEP 29065-916, Du'Arte Propag. e Marketing Ltda., telefax: (27) 325-3329
ESCRITÓRIOS NO EXTERIOR: Nova York: 104 West 27th Street, 11th floor, New York, N.Y. 10001, tel.: (1-212) 924-0001, fax: (1-212) 929-5157, e-mail: abril@walrus.com **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, tel.: (00331) 42.66.31.18, fax: (00331) 42.66.13.99, e-mail: abril-paris@wanadoo.fr **Portugal - Importação Exclusiva e Comercialização:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. Distribuição: Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

EDITORA ABRIL: Interesse Geral: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Veja Edições Regionais, Veja na Sala de Aula, Superinteressante, Web **Negócios:** Exame, Brasil em Exame, Melhores & Maiores, Você S.A., Info Exame **Femininas:** Claudia, Claudia Cozinha, Elle, Nova, Nova Beleza, Capricho, Manequim, Ponto Cruz, Faça e Venda, Boa Forma, Viva Mais!, Anamaria, Contigo, Minha Novela, Horóscopo **Masculinas:** Playboy, Placar, Quatro Rodas, Vip **Turismo e Aventura:** Viagem e Turismo, National Geographic **Guias:** Brasil, Rodoviário, São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas, Belo Horizonte, Estradas, Praias, Mapas das Capitais, Rio-Santos, Atlas Rodoviário **Casa e Família:** Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Saúde!, Bons Fluidos **Infanto-Juvenis:** Ação Games, Recreio, Digimon, Disney, Super-heróis, revistas e livros de atividades **Abril Multimídia:** Livros Ilustrados, CDs, Fascículos e Vídeos em Séries **Anuários:** Almanaque Abril, CD-ROM do Almanaque Abril, Guia Abril do Estudante
Editora Caras, Editora Símbolo, Abril Controljornal/Edipresse, em Portugal, Editorial Primavera, na Argentina
Internet: Idealyze, Abril.com, UOL, Usina do Som, @jato **Entretenimento:** MTV Brasil, Abril Music, Abril Eventos, Abril Produções **TVA:** TVA Rio, TVA Sul Paraná, TV Filme Goiânia, TV Filme Brasília, TV Filme Belém **Datalistas:** O maior e mais completo banco de dados do país **Educação:** Editora Ática, Editora Scipione **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR 1204-E (ISSN 0104-1762), ano 32, é uma publicação semanal da Editora Abril S.A. **Edições anteriores:** solicite ao seu jornaleiro ou pelo e-mail: abril.ea@abril.com.br. O preço será o da última edição em banca, acrescido da tarifa de postagem quando for enviada pelo correio (sempre que houver disponibilidade no estoque). Distribuída em todo país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo **PLACAR** não admite publicidade redacional.

IVC | IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A. | ANER

www.abril.com.br

Presidente e CEO: Roberto Civita
Gabinete da Presidência: José Augusto Pinto Moreira, Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidentes: Carlos R. Berlinck, Cesar Monterosso, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini

SIM, O ROBERTÃO era um verdadeiro Campeonato Brasileiro, embora oficialmente não tivesse o nome. O Flu venceu um quadrangular final contra Atlético-MG, Palmeiras e Cruzeiro e levou a Taça de Prata

É O CAMPEÃO!

Foi sofrimento, foi medo, foi alegria. Foi uma festa de mais de 100 mil torcedores debaixo do temporal (mas naquele caldeirão de paixão ninguém sentia a chuva). O Atlético lutou, valorizou o título do Fluminense, que foi um timaço, decidido a vencer — e andou perto disso

>> POR TEIXEIRA HEIZER

Faixa atravessada no peito nu, lágrimas nos olhos, Denílson exibia orgulhosamente a Taça de Prata. Naquele instante ele repetia o gesto que já virou rotina em nosso futebol: mãos erguidas, a taça acima da cabeça.

Mais de 100 mil torcedores tricolores — demonstração de grandeza da torcida — explodiam em festa, contida durante todo o jogo, disputado palmo a palmo. As faixas agora estavam mais vivas — "Força, Flu"; "Pra frente, Máquina" — e outras tantas homenageando seus ídolos, mesmo os ausentes do jogo — Flávio e Samarone — , que acabaram arrastados para dentro de campo, para as comemorações.

O time e a torcida sabiam como seria difícil o jogo. Os mineiros, muito bem distribuídos por Telê Santana, sufocavam as jogadas do Fluminense no nascedouro, não se deixavam esmagar pelos gritos de "Flu-mi-nen-se", que nasciam nas arquibancadas.

O Fluminense tinha maior volume de jogo, mas os ataques de surpresa de Vaguinho e seus companheiros entrecortavam os gritos da torcida. Cada nova informação dos alto-falantes do Maracanã (mais um gol do Palmeiras) fazia o estádio silenciar.

Só aos 30 minutos o grito de "Gol!", preso em cada garganta, afinal se libertou. O centro foi de Didi, a cabeçada, certeira, de Mickey. Agora sim, parecia um pandemônio: "Olê, olá/O Fluminense tá botando pra quebrar."

No bar das cadeiras, o grupo do "Jovem Flu", com muitos artistas, derrubava dezenas de garrafas de cerveja. Nos bares da arquibancada a lei era seca: não restava uma única garrafa.

O temporal caiu, mas ninguém acreditava que a água fosse parar o Fluminense. Até que, no comecinho do segundo tempo, Vaguinho empatou o jogo. A torcida se calou.

— Tomamos um susto, mas queríamos uma grande vitória. Nunca vi tanto Fluminense junto. Por isso parti para a frente (Denílson).

O Atlético era o time inteligente de sempre, explorando cada espaço dado pelo adversário, procurando fechar todo o seu campo.

Quando faltavam cinco minutos para o fim a torcida explodiu: "É campeão/É campeão!"

Pouco importava que os alto-falantes anunciassem a fácil vitória do Palmeiras. O empate chegava para garantir o título (ganho também com duas sensacionais vitórias: 1 x 0, sobre o Palmeiras; outro 1 x 0, sobre o Cruzeiro).

Favilli Neto apita o final do jogo, o campo é rapidamente invadido. As camisas dos jogadores são tomadas, começa a entrega das faixas aos campeões.

— Nós dedicamos esta vitória ao povo carioca. A todas as torcidas, mesmo àquelas que não quiseram nos apoiar (João Boueri).

— Pra mim foi o máximo. Depois que vesti a camisa do Fluminense fui campeão carioca, ganhei a Taça Guanabara, a Copa do Mundo e o Robertão (Félix, aos prantos).

Só tarde da noite a torcida deixou o Maracanã. Foi para a sede do clube a pé, comemorando o título em cada bar que encontrou pelo caminho. A festa só terminou na manhã de segunda-feira, com os últimos gritos de "Campeão!"

— Agora é a Libertadores da América. Depois o Mundial de Clubes. Isso já virou rotina pra mim (Félix).

"POUCO IMPORTAVA QUE OS ALTO-FALANTES ANUNCIASSEM A FÁCIL VITÓRIA DO PALMEIRAS. O EMPATE CHEGAVA PARA GARANTIR O TÍTULO"

20/12/70 MARACANÃ (RIO)
FLUMINENSE 1 X 1 ATLÉTICO-MG
J: José Favilli Neto (SP); **R:** Cr$ 535 419,50; **G:** Mickey 30 do 1º; Vaguinho 2 do 2º
FLUMINENSE: Félix, Oliveira, Galhardo, Assis e Marco Antônio (Toninho); Denílson e Didi; Cafuringa, Cláudio, Mickey e Lula. **T:** Paulo Amaral
ATLÉTICO-MG: Renato, Nélio (Zé Maria), Humberto, Vantuir e Oldair; Vanderlei e Humberto Ramos; Ronaldo, Lola, Vaguinho e Tião. **T:** Telê Santana

Denílson: um dos melhores na campanha do título tricolor

NAQUELE TEMPO, a Taça GB era uma competição à parte, e não um turno do estadual. Nesse ano, participaram Flu, Flamengo, Vasco, Botafogo, América e Bangu

PRESENTE AO FLU

Mickey e seus companheiros, dirigidos por Pinheiro, fizeram sua melhor partida na Taça Guanabara

» **POR TEIXEIRA HEIZER**

Desta vez o título foi ganho no campo. Não foi preciso apelar para o golpe do tapete (usar o prestígio político na Federação para ganhar pontos). Depois de derrotar o Flamengo por 3 x 1, foi só esperar a ajuda do América, que, por obra de Tarciso, deu o título ao Fluminense dirigido por Pinheiro.

Com os menos cotados de seus jogadores em campo, o Fluminense conseguiu fazer sua melhor exibição neste torneio. Nisso tudo também ajudou a incompetência do time do Flamengo, o que entristeceu sua torcida - que esperava que o time dirigido por Fleitas Solich levantasse o título.

Foi uma vitória legítima, pois, mesmo tendo direito ao ponto perdido frente ao Bangu (que desistiu do torneio), o Fluminense, elegantemente, não o reivindicou (o jogo foi disputado em 10 de julho e terminou 1 x 1; logo em seguida o Bangu desistiu e os times que ainda não o haviam enfrentado ganharam os dois pontos).

Mickey e seus companheiros, dirigidos por Pinheiro, fizeram sua melhor partida na Taça Guanabara. O resto foi um presentão do América, que venceu e não levou.

"MESMO TENDO DIREITO AO PONTO PERDIDO FRENTE AO BANGU (QUE DESISTIU DO TORNEIO), O FLUMINENSE, ELEGANTEMENTE, NÃO O REIVINDICOU"

1/8/71 MARACANÃ (RIO)

FLUMINENSE 3 X 1 FLAMENGO

J: Aírton Vieira de Morais; **R:** Cr$ 144 824,50; **G:** Mickey 4 do 1º; Mickey 3, 23 e Buião 20 do 2º

FLUMINENSE: Jorge Vitório, Oliveira, Sérgio Cosme, Silveira e Toninho; Denílson e Marquinhos; Cafuringa, Mickey, Jair e Rubens Galaxe. **T:** Pinheiro

FLAMENGO: Ubirajara, Rodrigues Neto (Onça), Fred, Reyes e Tinteiro; Liminha e Tales (Chiquinho); Buião, Zico, Fio e Nei. **T:** Fleitas Solich

Contra o América: título conquistado em campo

TODO MUNDO ACHAVA QUE A TAÇA JÁ ERA DO BOTAFOGO, líder com cinco pontos de vantagem a três rodadas do fim. Mas dois tropeços deram ao Flu a chance de roubar o título

É O FLUMINENSE

O Botafogo nadou, nadou e morreu na praia

>> POR TEIXEIRA HEIZER E FAUSTO NETTO

Sem choro nem vela — o Fluminense é o campeão, de fato e de direito, título ganho dentro do campo, no peito, na raça e na técnica.

"Olê, olá/ O Fluminense tá botando pra quebrá" — era a torcida do Fluminense cantando na hora certa, a três minutos do fim, com o placar luminoso do Maracanã acusando: Fluminense 1 x 0 Botafogo.

Foi duro, parecia impossível, mas o Fluminense chegou lá. Duro mesmo é festejar um título ao fim do primeiro turno, continuar a festa no segundo — e perdê-lo no terceiro.

O Fluminense chegou lá porque foi mais time, embora tivesse menos craques. Foi mais consciente, embora tivesse menos celebridades. Estava mais bem preparado para a guerra. O Fluminense chegou lá porque não festejou a vitória antes da batalha decisiva.

Foi duro, agora que tudo passou, muita gente nem se lembra o quanto. Um primeiro tempo mais que estudado. Um segundo tempo catimbado, parecia que o relógio corria depressa demais. O Fluminense precisando de um gol, o Botafogo naquela de desespero, todo plantado no próprio campo, sem aquela de campeão por antecipação, sentindo o drama na hora da onça beber água.

"Um, dois, três/ O Botafogo é freguês", lá fora, título no papo, a torcida tricolor festejava. Mas no vestiário, Xisto Toniato esbravejava:

— É uma quadrilha. Ganha o mais rápido no gatilho.

Nem tanto. Nem tanto. Até porque, se existe mesmo a quadrilha, ela é chefiada por um botafoguense de quatro costados: Otávio Pinto Guimarães, presidente da Federação Carioca.

— Numa decisão, experiência é muito importante. O Botafogo tem cinco jogadores da Seleção.

A afirmativa de Carlos Alberto na semana que antecedeu o jogo não foi confirmada pela bola. O Botafogo se perdeu na hora do gol tricolor, quis estranhar o juiz José Marçal Filho, que teve uma atuação correta e imparcial, que apitou em cima —tanto que correu para o meio-de-campo no justo instante em que a bola tocada por Lula encheu as redes de Ubirajara.

Um gol aos 42 minutos do segundo tempo. Um gol do time que mais fez por merecer, que procurava até aquele instante seu encontro com o destino. Um gol de campeão. Um gol que define o campeão.

— É duro. É muito duro. Muitos diziam que não podia acontecer. Mas aconteceu (Paraguaio).

É isso mesmo. O campeão é o time capaz de tirar uma lição de cada derrota, de ser humilde na vitória, de ventar fogo na hora da decisão — mas mantendo a cabeça fria, o domínio dos nervos.

Isso tudo o Fluminense teve de sobra. Isso tudo faltou ao Botafogo, o campeão por antecipação. O campeão inviável a partir do instante em que se julgou absoluto. Foi uma dura lição.

O pó-de-arroz formando uma nuvem sobre a arquibancada, mulheres, homens e crianças agitando milhares de bandeiras tricolores, os bares do Maracanã sem uma única bebida para vender: dia de festa, dia de campeão. Dia de alegria para muitos. Dia de tristeza para alguns. Também de cabeça quente:

— Eu disse o diabo para o juiz. (Carlos Roberto, expulso de campo na hora do gol) .

Houve quem dissesse o diabo antes da hora:

— O Botafogo já é campeão. (Paulo César, no primeiro turno).

— Vamos botar um gol na frente e eu vou rolar a bola no pescoço (Carlos Alberto, no segundo turno). E agora?

"O BOTAFOGO SE PERDEU NA HORA DO GOL TRICOLOR, QUIS ESTRANHAR O JUIZ JOSÉ MARÇAL FILHO, QUE TEVE UMA ATUAÇÃO CORRETA E IMPARCIAL, QUE APITOU EM CIMA"

27/6/71 MARACANÃ (RIO)

BOTAFOGO 0 X 1 FLUMINENSE

J: José Marçal Filho; **R:** Cr$ 1 101 128; **G:** Lula 42 do 2º

BOTAFOGO: Ubirajara; Carlos Alberto Torres (Mura), Brito, Osmar e Paulo Henrique; Nei e Carlos Roberto; Zequinha (Paraguaio), Nílson, Careca e Paulo César Caju. **T:** Paraguaio

FLUMINENSE: Félix; Oliveira, Galhardo, Assis e Marco Antônio; Silveira e Didi (Flávio); Wilton (Cafuringa), Cláudio, Ivair e Lula. **T:** Zagallo

SEBASTIÃO MARINHO

SEBASTIÃO MARINHO

Galhardo levanta a taça:
só o Flu acreditava

ESSE FOI O APELIDO QUE A TORCIDA DEU AO TIME do técnico Duque, campeão carioca daquele ano. Base da Seleção Brasileira juvenil, foi todo formado nas Laranjeiras e incluía futuros ídolos como Pintinho e Rubens Galaxe

YOUNG FLU

No primeiro turno do campeonato, o Fluminense fez uma péssima campanha. Foi então que Duque entrou no lugar de Zezé Moreira e começou a lançar jogadores feitos nas Laranjeiras. E o time a vencer >> POR RAUL QUADROS

Um deles foi raptado em Muriaé, Minas. Outro, carioca, jogava futebol de salão no América — que marcou bobeira. Os demais vieram do Estado do Rio. Um deles foi entregue na bandeja ao clube, por um juiz de futebol. Outro foi descoberto por um diretor, logo entrou para o dente-de-leite: tinha apenas 12 anos. Eis aí um cartola com o chamado olho clínico.

Todos foram trabalhados por Pinheiro desde o infanto-juvenil, e a melhor prova de que são bons jogadores está no aproveitamento deles pelo técnico Duque e nas vitórias obtidas pelo Fluminense.

Marquinhos

Um dia, o Fluminense foi jogar em Muriaé, contra o Nacional. Jogo de juvenis. No final, 0 x 0. Pinheiro apontou Marquinhos como o responsável pelo resultado e imediatamente pediu sua contratação. O diretor Roberto Alvarenga voltou a Minas e sofreu uma decepção: o Botafogo já havia feito o pai do rapaz se comprometer a encaminhar o filho para General Severiano. Alvarenga conversou muito e conseguiu "raptar" Marquinhos — o que quase redundou no rompimento de relações entre os dois clubes. Na condição de amador, Marquinhos foi campeão de Cannes e do Torneio Pré-Olímpico, em 1971.

Carlos Alberto

Carlos Alberto, o Pintinho, chegou ao Fluminense em 1968, vindo do futebol de salão do América — e logo pintou como craque. Bicampeão brasileiro juvenil interclubes, em São Paulo, 71/73, suplente do time olímpico e tricampeão em Cannes este ano, todos sabiam que subiria imediatamente para o time principal. O menino pobre do Morro do Borel, aos 19 anos, assumia o lugar de um dos maiores craques que o Brasil já teve: Gérson.

Cléber

Júlio Dutra, um ex-dirigente do Fluminense, foi ver uma pelada em São Gonçalo e se encantou com o menino de 12 anos. Logo Cléber estava nos dentes-de-leite das Laranjeiras. Apesar de ainda amador, já tem alguns títulos: bicampeão brasileiro juvenil interclubes e campeão de Cannes.

Rubens Galaxe

Foi o juiz Nivaldo dos Santos quem levou Rubens Galaxe ao Fluminense. Campista, teve excelente carreira como amador: vice-campeão infanto-juvenil carioca, em 69, campeão juvenil carioca, em 70, campeão do Torneio Pré-Olímpico e de Cannes, em 71; e titular do time que disputou nas Olimpíadas de Munique.

Zé Roberto

O pai de Zé Roberto era o presidente do América, de Três Rios, e quando o Fluminense mostrou interesse no seu filho ele ficou na maior alegria — é tricolor. Foi tricampeão infanto-juvenil, campeão juvenil, em 70, campeão de Cannes, campeão carioca e da Taça Guanabara, em 71, vice-campeão carioca de profissionais no ano passado.

Zé Maria

Zé Maria nasceu em Volta Redonda e chegou ao Fluminense como lateral-esquerdo, em 70. Aos 19 anos, é bicampeão brasileiro juvenil interclubes e tricampeão em Cannes. Trabalahado pelo técnico Pinheiro, hoje joga sem problemas nas duas laterais.

Justamente a partir do aproveitamento destes seis juvenis, o time do Fluminense começou a vencer e até a conquistar títulos, depois de um péssimo primeiro turno do Campeonato Carioca. Tudo dentro de uma política de aproveitamento da prata da casa, política que o Fluminense sempre adotou.

"O MENINO POBRE DO MORRO DO BOREL, AOS 19 ANOS, ASSUMIA O LUGAR DE UM DOS MAIORES CRAQUES QUE O BRASIL JÁ TEVE: GÉRSON"

FERNANDO PIMENTEL

FERNANDO PIMENTEL

Pintinho (ao lado de Roberto): revelação tricolor

gar
tos
DO
DE

FOI O ANO DO "YOUNG FLU", apelido dado à equipe escalada pelo técnico Duque. Vindo do Corinthians no meio do campeonato, ele reformulou o elenco e levou a melhor sobre Zagallo na decisão

PÓ-DE-ARROZ NELES

O que deve fazer um time que termina o primeiro turno caindo pelas tabelas? Deve contratar um técnico que recebeu bilhete azul como perdedor assíduo

>> POR RAUL QUADROS

Primeiro, a coragem dos dirigentes, que ouviram os apelos da torcida e dispensaram Zezé Moreira, um técnico intocável em termos de Fluminense. Segundo, a coragem de Duque, que liberou um ídolo da torcida: Denílson. Finalmente, ainda, a coragem do treinador, que lançou vários juvenis.

E foi a partir deles que o Fluminense, grande perdedor do primeiro turno, acabou com o título de campeão carioca. O sucesso do novo meio-campo, formado por Cléber e Carlos Alberto, e a fixação de Rubens na ponta direita com funções de terceiro apoiador deram uma nova estrutura ao Fluminense, que — somada ao rejuvenescimento do time — explica as muitas vitórias.

O Fluminense tem quatro jogadores no setor (Carlos Alberto, Cléber, Rubens e Manfrini) e tudo fica mais fácil. Ao tempo em que era dirigido por Zezé Moreira, o time tinha poucas jogadas e dependia quase sempre dos lançamentos de Gérson para Dionísio, Cafuringa e Lula, este quando entrava com função ofensiva — o que aconteceu poucas vezes. Mais: naquele turno, Dionísio enfrentava problemas físicos e, para agravar sua situação, não jogou várias partidas por estar machucado.

Por causa de tais problemas, o Fluminense acabou o primeiro turno com 11 pontos ganhos e 11 perdidos. O clube entrou em crise, Zezé Moreira caiu — e tudo começou a mudar a partir da contratação de Duque, que acabara de rescindir seu contrato com o Corinthians. Ele ficou apenas um dia desempregado e fez no Fluminense o trabalho que planejou para o clube paulista, aproveitando vários jogadores juvenis. Ao tempo de Zezé Moreira, a média de idade do time chegava perto dos 28 anos. Duque a desceu para pouco mais de 24 anos.

O meio-campo foi certamente um dos fatores principais para a melhoria do time. Carlos Alberto e Cléber — os dois com 19 anos — deram muito mais ritmo e velocidade ao time. Eles se alternavam nas subidas ao campo do adversário. Carlos Alberto apareceu mais, mas Cléber teve também importante missão no esquema.

Ao ser atacado, o Fluminense usava quatro homens para bloquear sua intermediária; os dois efetivos e mais Rubens e Manfrini. Dionísio voltava até o grande círculo e Lula permanecia bem aberto, para prender o lateral-direito do adversário. Quando partia para o ataque, o Fluminense tinha sempre um mínimo de cinco homens. Finalmente tinha um esquema de jogo. E por isso ganhou o segundo turno.

Iniciado o terceiro turno, o Fluminense ganhou sua chave com três vitórias — uma delas na decisão extra com o Botafogo dois empates e uma derrota. Como ganhou dois turnos, a decisão como bye. Esperou o resultado de Vasco e Flamengo, que, beneficiado pelo empate, se classificou para a decisão, embora o Flu ainda continuasse em vantagem: se perdesse, tinha direito a nova partida.

O jogo foi um show de gols do Flu, 4 x 2 — e mais que evidenciou a esmagadora superioridade de tricolor, que saiu na frente, foi surpreendido pela reação do adversário e ainda encontrou força para marcar mais dois. Um digno campeão, com futebol feito de bola corrida e jogo jogado. Com coragem.

"AO TEMPO DE ZEZÉ MOREIRA, A MÉDIA DE IDADE DO TIME CHEGAVA PERTO DOS 28 ANOS. DUQUE A DESCEU PARA POUCO MAIS DE 24 ANOS"

22/6/73 MARACANÃ (RIO)
FLUMINENSE 4 X 2 FLAMENGO
J: José Favilli Neto (SP); **R:** Cr$ 970 501; **P:** 74 073; **G:** Manfrini 40 e Toninho 45 do 1º; Dario 25 e 33, Manfrini 35 e Dionísio 39 do 2º
FLUMINENSE: Félix, Toninho, Brunel, Assis e Marco Antônio; Carlos Alberto Pintinho, Cléber e Marquinhos; Dionísio, Manfrini e Lula. **T:** Duque
FLAMENGO: Renato, Moreira, Chiquinho, Fred e Rodrigues Neto; Liminha e Zico; Vicentinho (Arílson), Dario, Sérgio e Paulo César Caju. **T:** Zagallo

FERNANDO PIMENTEL

ele

os

ɔ

0

01;

o,

nho,

ulo

FERNANDO PIMENTEL

Dionísio e Manfrini (10) podem festejar: o Flu será campeão

1975 ESTRÉIA DE RIVELINO

FRANCISCO HORTA acabara de assumir o Fluminense e começava a montar um supertime, contratando, por 3 milhões de cruzeiros (cerca de 400 mil dólares), Rivelino. A estréia foi num amistoso contra o Corinthians. Que festa!

ELE NÃO FEZ TUDO O QUE SABE

Quem chegou atrasado já saiu perdendo. Perdeu os primeiros passos do novo Garoto do Parque Guinle, a criatividade inicial que desmontou os planos do Corinthians

O carnaval no Rio começou com Rivelino. Um Rivelino diferente – para melhor – do que se esperava e do que se dizia dele. Um Rivelino que teve fôlego para 70 minutos de jogo. Que não deu chutes mortais, mas que brincou a sério com a bola, dando passes absolutamente precisos e contagiando com seu brilho o original futebol de Cafuringa.

Com um calor de 39 graus e com muita gente ainda fora do estádio, o jogo foi iniciado às 16h03. A massa veio chegando aos poucos, crente em que seria mantido o tradicional horário das partidas no Maracanã: aos sábados, 17h. Riva saiu jogando pela esquerda, mas foi só ver que Tião lhe daria um combate permanente para inverter todo o esquema de jogo. Foi para a direita e deixou que Mário Sérgio entrasse pela meia esquerda. A extrema esquerda era ocupada, no revezamento, por Gil e Marco Antônio. O Flu não parava de atacar; e o Timão acabava de perder-se no imenso gramado do Maracanã.

Aí, veio a chuva e começou o show. Com 10 minutos de aquecimento, Riva lançou Gil. O juiz deu – errado – impedimento. A massa não ligou. Apenas vibrou, pressentindo a festa. Dois minutos após, Riva repetiu o lance. Gil caiu, levantou-se e fez a cruzada. Wla-dimir salvou – e logo depois Riva voltou a comandar a partida.

Aos 20, atrapalhando-se com Marco Antônio, por pouco não marcou. Mas a galera tricolor já esperava o que viria cinco minutos depois: Riva correndo com os braços levantados, na comemoração de um gol de raça. Foi assim: Gil aplicou um drible em Sérgio, o goleiro praticou pênalti. Mas nem houve a marcação. Não deu tempo. Rivelino entrou livre pela direita – e carimbou. Sérgio saiu, machucado.

A massa já se erguia cada vez que a bola corria na direção de Rivelino. Aos 36 minutos, o triunfo. Cafuringa bateu Wladimir e cruzou. A bola bateu no pé de Paulo Rogério e espirrou. Num mergulho incrível, o Reizinho emendou, de cabeça.

Só na base do desespero, o Corinthians tentou reagir. E Lance, um minuto mais adiante, fez o gol solitário do Timão. Para quê? Talvez só para esquentar a cabeça, perder o controle e acabar agredindo o juiz. José Roberto Wright não teve dúvida nem pena: saiu de cartão amarelo, passou para o vermelho e ainda exigiu que o jogador fosse detido no Maracanã. No final das contas, Lance pôde voltar a São Paulo, mas a agressão ficou na súmula do jogo. Pior para o Corinthians – que corre o risco de perder seu avante por seis meses – e melhor para o Flu, cada vez mais solto, cada vez mais sob comando de Riva.

Segundo tempo: aos 16, a única falha do Reizinho. Uma bola mal chutada. Só que, aos 18, ele deu o troco, foi um lance de classe, mas com um toque de sarcasmo. Zé Mário foi quem lançou, rente à cabeça de Laércio. Rivelino esperou a saída apavorada de Paulo Rogério. E o cobriu. Delírio.

O povão ainda teria um prêmio, com a bicicleta de Riva, lançando Cléber quase dentro do gol. Três minutos depois, Rivelino saía consagrado.

Para ver o jogo, Vicente Matheus levou a mulher. E Horta compareceu com sua Teresa Maria. Todos aplaudiram. Porém, mais verdadeira, mais tocante foi a alegria que se espalhou, já no final do primeiro tempo, por bares, corredores e arquibancadas do Maracanã – e que se estenderia à noite, pela cidade inteira. Riva, pela amostra, é alma nova do Flu. E do povo também.

"A MASSA JÁ SE ERGUIA CADA VEZ QUE A BOLA CORRIA NA DIREÇÃO DE RIVELINO. AOS 36 MINUTOS, O TRIUNFO"

8/2/75 MARACANÃ (RIO)
FLUMINENSE 4 X 1 CORINTHIANS
J: José Roberto Wright; **R:** Cr$ 573 052,50; **P:** 40 547; **G:** Rivelino 25, 36, Lance 37 do 1º; Rivelino 18 e Gil (pênalti) 33 do 2º; **E:** Lance
FLUMINENSE: Félix, Toninho, Silveira, Assis e Marco Antônio; Zé Mário e Cléber; Cafuringa, Rivelino (Erivelto), Mário Sérgio e Gil. **T:** Paulo Emílio
CORINTHIANS: Sérgio (Paulo Rogério), Laércio, Zé Eduardo, Ademir e Wladimir; Tião e Adãozinho; Vaguinho (Zezé), Lance, Zé Roberto (Arlindo) e Daércio (Pita). **T:** Sílvio Pirilo

ZEKI ARAÚJO

Mais um de Riva: vingança melhor, impossível

ZEKA ARAÚJO

FOI O PRIMEIRO TÍTULO DO TIME QUE JÁ TINHA O APELIDO DE "MÁQUINA". "Compre que a torcida garante", dizia a faixa que a torcida tricolor estendia no Maracanã. Com Rivelino, Mário Sérgio e Zé Mário, ficava fácil

MÁQUINA TRICOLOR VENCE A PRIMEIRA

O gol foi obra da genialidade de Rivelino. Mas Cléber e, em menor escala, Zé Mário também mereceram o título. Como todo o time do Fluminense

>> POR LUÍS AUGUSTO CHABASSUS E RAUL QUADROS

Discutir o merecimento da conquista do Fluminense seria se esquecer das contratações que o clube fez, sua importância para o novo sopro de entusiasmo que varre o futebol carioca, os excelentes resultados obtidos pelo time em todo o primeiro turno — e que também vale como Taça Guanabara — do Campeonato Carioca e, mais que tudo, esquecer que, na decisão, o tricolor andou sempre mais perto do gol que o América — que pagou o justo preço pela desatenção: a derrota.

A frase é de Gérson: "Num jogo desses, bola na área da gente é para chutar de qualquer jeito; nessa hora, negócio de balãozinho é para mau profissional." Falou. Aos 29 minutos da prorrogação de 30, Bráulio provou não conhecer a sabedoria de Gérson. Com Marco Antônio em cima, em vez de dar bico para a frente, preferiu dar um banho-de-cuia no lateral. A tentativa não deu certo e ele deu um tapinha na bola. Carlos Costa, em cima, apitou. Sete jogadores ficaram na barreira. A torcida fez coro: Rivelino. O ex-Menino do Parque, hoje um revalorizado Curió das Laranjeiras, tomou distância e largou o coice. A bola bateu na cabeça de Geraldo, fez uma curva e foi morrer à esquerda de País — que só saltou por desencargo de consciência.

Começou a festa. Rivelino correu para o fosso. Seus companheiros o acompanharam e, junto à torcida, houve a troca de abraços e beijos. Uma festa que Riva mereceu. Afinal, passou a semana inteira naquela de entrar e sair da enfermaria. Ele não dizia nada. Os médicos garantiam. Paulo Emílio pagava para ver. A cobrança foi na manhã de domingo. Um duro teste, dividindo bolas com Edinho. Aprovado, ele pôde entrar em campo e ajudar o Fluminense a ganhar a Taça GB pela quarta vez.

E bem que mereceu. É como diz João Saldanha: "Em 38, o Rio assistia ao filme 'Grande Hotel' e o Fluminense comprava metade da Seleção Brasileira. Como o filme era muito ruim, passaram a chamar o Fluminense de Grande Hotel. Antes de ver o time jogar. Que era muito bom. Esse time do Fluminense é a mesma coisa." Observação perfeita. Se Rivelino é o novo ídolo do futebol carioca, Cléber é o melhor jogador do Fluminense. É claro que o gol foi obra da genialidade de Rivelino. Mas Cléber e, em menor escala, Zé Mário também mereceram o título. Como todo o time do Flumi-nense.

A decisão foi emocionante. Com 10 minutos de jogo, a coisa ficou meio violenta. Marco Antônio acerta Flecha. Depois, Orlando. Ivo chuta Rivelino. Aí Carlos Costa resolveu advertir os dois capitães. Então o América começou a encurralar o Fluminense. Neco obrigava Edinho a cobrir Marco Antônio e ficava um buraco na área tricolor. Só que não havia quem concluísse.

O segundo tempo foi diferente. Só aparentemente os dois times se equivaliam. Mas Cléber era o dono do jogo. E Riva, o ponto de referência da bola. Foi assim até o finzinho, quando Bráulio resolveu dar um balãozinho em Marco Antônio. Castigo para o América? Não. Ele cumpriu sua parte com a maior dignidade, deu uma dimensão de grandeza ao título do Fluminense. Que mereceu. Por Rivelino, afinal livre de seus fantasmas. Pelos craques que comprou.

"SETE JOGADORES FICARAM NA BARREIRA. A TORCIDA FEZ CORO: RIVELINO. ELE TOMOU DISTÂNCIA E LARGOU O COICE. A BOLA BATEU NA CABEÇA DE GERALDO, FEZ UMA CURVA E FOI MORRER À ESQUERDA DE PAÍS"

27/4/75 MARACANÃ (RIO)

FLUMINENSE 1 X 0 AMÉRICA

J: Carlos Costa; **R:** Cr$ 1 910 335; **P:** 96 035; **G:** Rivelino 14 do 2º tempo da prorrogação; **CA:** Rivelino e Ivo
FLUMINENSE: Félix, Toninho, Silveira, Edinho e Marco Antônio; Zé Mário, Cléber e Rivelino; Gil, Manfrini (Erivelto) e Zé Roberto. **T:** Paulo Emílio
AMÉRICA: País, Orlando, Alex, Geraldo e Álvaro; Ivo, Bráulio e Tadeu; Neco, Flecha e Paulo César. **T:** Danilo Alvim

RODOLPHO MACHADO

Ri
de
fir
pr

RODOLPHO MACHADO

Rivelino marca de falta: no finzinho da prorrogação

AS FINAIS DO ESTADUAL DAQUELE ANO REUNIAM FLU, Vasco e Botafogo. No primeiro jogo do triangular, um banho tricolor, com direito a gol de placa de Rivelino

FLUZÃO MATA O VASQUINHO

O Flu entrou para vencer na bola — e conseguiu. Foi melhor diante de um Vasco que novamente tentou se impor na violência

>> POR RAUL QUADROS

O Fluminense sai na frente, neste triangular que decide o Campeonato Carioca. E por quê? Porque foi mais time, porque soube se impor ao Vasco, domingo, no Maracanã, utilizando-se de um futebol baseado no talento dos seus craques. A começar por Paulo César, sem dúvida a melhor figura do jogo.

Paulo César foi a estrela do espetáculo. Deu passes na medida, de longa e média distância - e fez um golaço de cabeça. No lance do terceiro gol tricolor, deixou Gil na cara de Andrada, jogada digna dos aplausos recebidos, aplausos com que a torcida do Fluminense mostrou sua aprovação definitiva à contratação do jogador.

E não foi só Paulo César quem jogou bem no Fluminense. Se coletivamente a equipe não foi perfeita, pôde garantir-se no talento de vários dos seus craques: Rivelino, Gil, Manfrini e Carlos Alberto mostraram um futebol de primeira qualidade.

Logo aos 10 minutos, Manfrini abriu a contagem, enquanto Paulo César aumentava, aos 35. Edu diminuiu para o Vasco, aos 43. Na segunda etapa, novamente Fluminense: 3 x 1, aos 19 minutos (Gil), e 4 x 1, aos 40 (Rivelino).

Quatro gols, como poderiam ser cinco ou mais. Só deu Fluminense. O Vasco, sem Paulo César, Miguel, Alfinete, Zanata, Luís Carlos e Jair Pereira — a maioria castigada por um costumeiro mau comportamento — tentou impor-se na base da violência, como fizeram contra o Flamengo. Mas só que desta vez os vascaínos encontraram em Arnaldo César Coelho um juiz mais atento. Os cartões amarelos foram distribuídos sem cerimônia, deixando o Vasco limitado apenas ao seu futebol, o que é pouco. Entre o colorido dos cartões surgiu também um de cor vermelha: castigo merecido para Moisés, que entrou criminosamente em Paulo César.

Nisso tudo o técnico Parreira mostrou que tem personalidade até para arriscar seu cargo, desde que seja para beneficiar o time que dirige interinamente. Parreira foi pressionado pelo presidente Francisco Horta e outros dirigentes para colocar Paulo César e Mário Sérgio juntos no mesmo ataque, além da escalação de Cafuringa. Tanto este como Mário Sérgio ficaram de fora. O técnico deu aquela de que concordava e, no fim, botou o time que achava mais certo.

Escalou craques, homens certos para as posições mais adequadas, deixando o Vasco na roda e seu clube mais próximo do título.

"O TECNICO PARREIRA MOSTROU QUE TEM PERSONALIDADE ATÉ PARA ARRISCAR SEU CARGO, DESDE QUE SEJA PARA BENEFICIAR O TIME QUE DIRIGE INTERINAMENTE"

10/8/75 MARACANÃ (RIO)

FLUMINENSE 4 X 1 VASCO

J: Arnaldo César Coelho; **R:** Cr$ 1 585 752,50; **P:** 79 764; **G:** Manfrini 10, Paulo César Caju 35 e Edu 43 do 1º; Gil 19 e Rivelino 40 do 2º; **CA:** Alcir, Toninho, Joel, Edu, Zé Maria, Gil, Roberto e Moisés
FLUMINENSE: Félix, Zé Maria, Silveira, Assis e Marco Antônio; Zé Mário e Carlos Alberto Pintinho; Gil, Manfrini, Rivelino e Paulo César Caju. **T:** Carlos Alberto Parreira
VASCO: Andrada, Toninho, Joel, Moisés e Celso Alonso; Alcir e Gaúcho; Edu, Ademir, Roberto e Dé. **T:** Mário Trawaglini

Rivelino comemora: a Máquina atropelou o Vasco

O SUPERTIME montado por Francisco Horta começava a dar frutos. A conquista do título carioca, num quadrangular final contra Vasco e Botafogo, consagrou Rivelino

FLU, UM CAMPEÃO POR ANTECIPAÇÃO

O título carioca deste ano coube ao clube que não temeu gastar dinheiro, certo de que a torcida corresponderia ao seu apelo, cobriria todos os gastos

>> POR ARISTÉLIO ANDRADE

Mais uma vez valeu a tradição: craque que sai do Corinthians acaba campeão. Se a frase exprime uma verdade no que se refere a Rivelino, nem por isso faz justiça ao título conquistado pelo Fluminense. Que mereceu. Que começou a ganhar o título antes mesmo de começado do campeonato, quando uma política realmente profissionalista desaguou na compra de Zé Mário — desprezado pelo Flamengo —, de Rivelino — que saiu do Corinthians amaldiçoado pela torcida —, de Mário Sérgio, até hoje uma saudade no Vitória. O título carioca deste ano coube ao clube que não temeu gastar dinheiro, certo de que a torcida corresponderia ao seu apelo, cobriria todos os gastos — enormes — de um time formado por craques de nível de Seleção.

E só por ter grandes craques o Fluminense permitiu que os rivais olhassem com certo desdém para a sua conquista, rindo por dentro do título conquistado a reboque de uma derrota na última partida: Botafogo 1 x 0. Afinal, só os mais fanáticos poderiam acreditar que os craques tricolores deixassem vencer pelo Botafogo por três gols.

O Fluminense começou a ganhar o título quando reforçou sua equipe com vários craques. Visou sua ficha de candidato quando ganhou o primeiro turno. Sabidos os candidatos ao título, uma coisa ficou evidente: o único inteiro, sem problemas — os criados fora de campo pareciam ultrapassados —, era o Fluminense.

O Vasco entrou sem sete titulares contra o Fluminense. O que significa dizer que, sem sentido de conjunto, o seu forte, teria de se valer de valores individuais para se impor. E aí o negócio ficava todo para o Fluminense. Não deu outra. O Fluminense chegou fácil aos 2 x 0, facilitou e o Vasco marcou o seu. Veio o segundo tempo, a coisa andava lá e cá e — uma entre tantas — mais uma vez um de seus jogadores perdeu a cabeça: Moisés agrediu Paulo César. Inferiorizado, o Vasco não teve como resistir à goleada. E foi através dela que o Fluminense começou a ver o título mais perto.

Não se diga que o Fluminense jogou apenas para ganhar o título. Tentou ganhar o jogo — e não conseguiu. E, pelo que fez no primeiro tempo, quando não aproveitou algumas boas oportunidades, é que poderia ter ganho. Apenas no segundo tempo um detalhe teve importância fundamental: o Botafogo saiu para ganhar a qualquer risco. Ganhou, com um gol de falta, muito bem cobrada por Ademir.

Cabe a pergunta: fossem outras condições — o Botafogo não tivesse que se jogar na boca do leão naquela de engasgá-lo — o time correria tais riscos, jogaria francamente?

— Eu joguei para ser campeão. O Botafogo podia fazer dois gols, e daí? O regulamento foi feito para todos. Sou campeão, e isso todo o Brasil já sabe. Foram dez anos sofridos. Deus me livre. Nunca mais jogo em outro clube.

No desabafo do ex-corintiano Rivelino, toda a verdade da campanha do Fluminense. Um título irretocável. Que coube como uma luva em Rivelino, afinal transformado no grande herói da campanha, na força motivadora de todos. Afinal, escrita é escrita e não fica bem quebrá-la: craque que sai do Corinthians acaba campeão.

SABIDOS OS CANDIDATOS AO TÍTULO, UMA COISA FICOU EVIDENTE: O ÚNICO INTEIRO, SEM PROBLEMAS, ERA JUSTAMENTE O FLUMINENSE

17/8/75 MARACANÃ (RIO)
BOTAFOGO 1 X 0 FLUMINENSE
J: Arnaldo César Coelho; **R:** Cr$ 2 012 832,50; **P:** 107 703; **G:** Ademir 22 do 2º
BOTAFOGO: Ubirajara, Miranda, Chiquinho, Artur e Valtencir; Carlos Roberto e Ademir; Ésio (Puruca), Fischer, Nílson Dias e Dirceu. **T:** Zagallo
FLUMINENSE: Félix, Toninho, Silveira, Assis e Marco Antônio; Zé Mário e Carlos Alberto Pintinho (Cléber); Cafuringa, Manfrini, Rivelino e Paulo César Caju.
T: Carlos Alberto Parreira

FERNANDO PIMENTEL

Rivelino, enfim campeão: resposta aos corintianos

FERNANDO PIMENTEL

O TROFÉU, UMA MINIATURA DA TORRE EIFFEL, até hoje é uma das conquistas internacionais mais importantes do Flu: o Torneio de Paris, em um torneio contra o PSG, um combinado europeu e a Seleção Brasileira olímpica

A CONQUISTA DA FRANÇA

Os melhores jogadores da Europa deram vexame ao enfrentar o Fluminense

>> POR LEMYR MARTINS

Os jornais anunciavam uma chuva de estrelas no Parc des Princes. Lá estariam os donos das Chuteiras de Ouro — os melhores jogadores da Europa, segundo a escolha do France Football. E no Paris Saint-Germain haveria atrações extraordinárias, a melhor delas a presença de Acimovic, capitão da Seleção Iugoslava.

O que poucos esperavam era que, nas duas rodadas duplas do Torneio de Paris, as honras todas acabassem cabendo aos brasileiros — ao Fluminense, em sua maior exibição para os franceses, e à nossa Seleção Amadora, capaz de revelar ao mesmo tempo uma curiosa crise — não tem técnico — e um eletrizante jogador, Erivelto.

Finalmente, ia começar a partida decisiva do torneio — e a consagração impressionante de Rivelino. Os jogadores alinharam-se diante da tribuna especial. Iam sendo anunciados os nomes: Renato, Rubens Galaxe, Carlos Alberto, Miguel, Rodrigues Neto, Pintinho, Paulo César. E aí ouviria mais nada — sequer o nome completo do Riva. Foi uma explosão nas arquibancadas, talvez os mais longos e entusiásticos aplausos da história do Parc des Princes.

Desta vez, o Fluminense não era um time esgotado. Os jogadores moviam-se com rapidez, Rivelino fazia longos lançamentos — e, fizesse o que fizesse, certo ou errado, era sempre delirantemente aplaudido. Eram lançamentos para Doval e Luís Alberto. Dirceu jogava pelo meio, Paulo César caia para a ponta, numa tentativa de Travaglini — e que deu certo — de abrir espaço para o ataque.

O Flu ia jogando melhor — mas foi a Europa que fez o primeiro. Jordan deu para Bremner, que driblou Renato e marcou.

Ainda no primeiro tempo, Paulo César empatou, com um gol magnífico. E, quando começou a segunda etapa, quem estava cansado era o time europeu. Um calor de 30 graus ajudara a acabar com a turma das três estrelas, que teve de suar mesmo para fazer jus aos 2 mil dólares que cada um dos convocados recebera pela exibição.

A defesa, no final do primeiro tempo, já estava tonta. Agora estava aos trancos. Ninguém conseguia segurar Riva, ninguém conseguia acompanhar Doval. No meio-de-campo, Bremner, Van Hanegem e Acimovic só tiravam as mãos da cintura na hora de pôr o pé na bola. Faltava Keegan, que podia, se não salvar, ao menos tapear a situação. O ataque, com Georgescu, Jordan e Rensenbrink, só ia à frente com lentidão. Pintinho, plantado na frente da área, aproveitava para fazer seu nome na França, ganhando todas. Aí, Six entrou no lugar de Georgescu. E entrou com a corda toda, dando piques em direção à linha de fundo — só para ficar na grotesca situação de não ter para quem cruzar. Aí viria o grande ridículo da noite — o pênalti de Stefanovic em Rivelino. O Chuteira de Ouro deu uma de homem do braço de ouro, aplicando uma gravata em Rivelino dentro da área. Carlos Alberto foi lá. Gol.

Só faltava o que fez Doval. Ficou frente à frente com Petrovic — o melhor da Europa, o melhor do mundo e por aí. Gingou, driblou, enfiou. E fim de festa.

Haveria outra festinha, muito ao gosto dos participantes. No salão de coquetel do Parc des Princes, Francisco Horta abraçava-se com Daniel Hechter — presidente do Paris Saint-Germain e organizador do torneio — e comemorava duas coisas: a vitória tricolor e a assinatura do contrato assegurando, em 1977, nova participação do Flu.

"OS ALTO-FALANTES NÃO CHEGARAM NEM A ANUNCIAR O NOME COMPLETO DO RIVA. FORAM TALVEZ OS MAIS LONGOS E ENTUSIÁSTICOS APLAUSOS DA HISTÓRIA DO PARC DES PRINCES"

24/6/76 PARC DES PRINCES (PARIS)
FLUMINENSE 3 X 1 COMB. EUROPEU
J: Robert Wurtz (França); **P:** 50 000;
G: Bremner 37 e Paulo César 43 do 1º; Doval 23 e Carlos Alberto (pênalti) 26 do 2º
FLUMINENSE: Renato, Rubens Gálaxe, Carlos Alberto Torres, Miguel (Edval) e Rodrigues Neto; Carlos Alberto Pintinho, Rivelino (Carlinhos) e Dirceu; Luís Alberto, Doval e Paulo César Caju.
T: Mário Travaglini
COMBINADO EUROPEU: Petrovic, Suurbier, Pietro, De Felipe (Spiegler) e Stepanovic; Acimovic, Bremner e Van Hannegen; Georgescu (Six), Jordan e Rensenbrink

Rivelino e Paulo César contra o PSG: a Europa aos pés deles

A TORCIDA TRICOLOR lotou o Maracanã para ver o time ser bicampeão em cima do Vasco. A vitória foi sofrida: só veio na prorrogação, com um gol de Doval

É O CAMPEÃO!

O adiamento da decisão foi um acidente, um tropeção que não se repete. Agora só podia dar Fluminense, bicampeão carioca com sobras de mérito, diante de um Vasco que apenas pôde lutar contra a maré tricolor

Desde os tempos do Expresso da Vitória vascaíno e do Rolo Compressor rubro-negro que uma torcida não acreditava tanto em seu time como a do Fluminense, em 1976. Já na véspera do jogo, muitos carros desfilavam enfeitados pelo Rio, bandeiras ao vento, gente com faixas de bicampeão carioca ao peito. Uma passeata de sábado a anunciar a festa de domingo.

E das 127 mil pessoas que foram ao Maracanã, dois terços estavam com o coração tricolor aos pulos. A superioridade das bandeiras vermelho-verde-branco cobria o anel das arquibancadas, sem que parassem de ser agitadas desde a entrada do time em campo ao gol de Doval. Gol que valeu um bicampeonato e um monte de prêmios em dinheiro e presentes — uma loucura que há anos o Maracanã não via.

E se a torcida demonstrava nas arquibancadas que estava ali para ver seu time vencer, sem admitir qualquer outro resultado, os jogadores não fizeram por menos. No gramado, a superioridade também era total, completa, arrasadora, embora o Vasco fosse um adversário valoroso, que não entregou os pontos, excessivamente valente até, excedendo-se nas faltas muitas vezes.

Uma superioridade que ia num crescendo. Começou tímida, no primeiro tempo, mas já ao final desta etapa o Fluminense era muitíssimo superior.

No segundo tempo, o Fluminense passou por cima de tudo e comprimiu o Vasco em seu campo, buscando o gol que lhe daria a tão aguardada vitória. E foi nessa etapa derradeira do período normal de jogo que o tricolor desperdiçou seguidas oportunidades. Com Dirceu, que recebeu de bandeja um passe de mestre de Paulo César, aos 7 minutos; com um segundo chute no travessão, desta vez através de Rubens Galaxe — Rivelino também acertou a trave de Mazarópi, cobrando falta aos 10 minutos do primeiro tempo — na conclusão de uma tabelinha entre Doval e Pintinho que enlouqueceu a defesa do Vasco; com Gil, que talvez tenha perdido o gol mais feito de todos, aos 34 minutos.

Veio a prorrogação, e o Fluminense não entrou naquela de deixar o tempo passar para ganhar nos pênaltis, bobagem que o Flamengo fez na Taça Guanabara. Enquanto a bola estivesse rolando, o Fluminense rondaria o gol, como um animal selvagem esperando a presa abandonar a toca. E o gol aconteceu, como prêmio ao esforço coletivo e ao talento individual de 11 jogadores que souberam atirar por terra a fama de reboladores.

Faltavam dois minutos para que se encerrasse a prorrogação. Paulo César cobrou um tiro indireto pela ponta esquerda, fazendo a bola cruzar a pequena área e cair na cabeça de Pintinho, que tocou para a pequena área; o gringo Doval pulou mais que Abel e enfiou, também de cabeça, o gol histórico, o gol do bicampeonato. Um gol que fez justiça ao melhor time da competição, formado graças à política agressiva que armou uma equipe de craques.

Foi o estouro, a explosão de um carnaval fora de época, comemorado por quase 100 mil pessoas que não cansavam de cantar seus campeões. Foi uma loucura total.

Rivelino, como sempre, citou o Corinthians, ou melhor, seu presidente, lembrando que era bicampeão carioca — "E o senhor, seu Matheus, vai continuar na fila guardando esse rico dinheirinho?"

"PAULO CÉSAR COBROU UM TIRO INDIRETO NA CABEÇA DE PINTINHO; O GRINGO DOVAL PULOU MAIS QUE ABEL E ENFIOU, TAMBÉM DE CABEÇA, O GOL HISTÓRICO"

3/10/76 MARACANÃ (RIO)
FLUMINENSE 1 X 0 VASCO
J: Armando Marques; R: Cr$ 3 258 214; **P:** 127 052; **G:** Doval 13 do 2º da prorrogação; **CA:** Rivelino, Doval, Luís Augusto, Miguel e Dé
FLUMINENSE: Renato, Rubens Galaxe, Carlos Alberto Torres, Miguel e Rodrigues Neto; Carlos Alberto Pintinho, Paulo César Caju e Rivelino; Gil, Doval e Dirceu. **T:** Mário Travaglini
VASCO: Mazarópi, Toninho, Abel, Renê e Gaúcho; Luís Augusto, Zé Mário e Luís Carlos; Roberto, Dé (Luís Fumanchu) e Galdino. **T:** Paulo Emílio

ADOLPHO MACHADO

ADOLPHO MACHADO

O gol do bi enlouquece
Riva, Gil e Pintinho

UM DOS TÍTULOS INTERNACIONAIS mais importantes da história tricolor, a conquista em La Coruña confirmou que o Flu tinha um time capaz de bater qualquer um no planeta

FLU ARRASA HOLANDESES E TCHECOS NA ESPANHA

Foi uma demonstração do poderio do futebol brasileiro

O título de campeão da Taça Teresa Herrera, conquistado pelo Fluminense na semana passada, na cidade de La Coruña, na Espanha, derrotando seguidamente o Feyenoord — por 2 x 0 — e, na final, o Dukla, campeão tcheco — uma goleada de 4 x 1 —, que nos sirva de lição: em primeiro lugar os holandeses não são imbatíveis, nem tampouco a melhor escola do futebol-força, a Tchecoslováquia; em segundo lugar, ainda continuamos razoavelmente eficientes com o nosso futebol-arte, que o diga Rivelino, apontado unanimemente como o melhor jogador do torneio que se encerrou no domingo.

Antes de mais nada foi uma demonstração do poderio do futebol brasileiro. No sábado, diante de mais de 20 mil espectadores no estádio Riazor, que passaram a torcer pelo Fluminense, os brasileiros acabaram com a banca de vice-campeão holandês do Feyenoord, ganhando por 2 x 0, gols marcados por Luís Carlos aos 10 minutos do primeiro e Doval aos 41 do segundo.

Com essa vitória o Fluminense partiu para a final contra o campeão tcheco, contando com o apoio de toda a torcida espanhola, que no sábado viu o Real Madrid perder para o Dukla na decisão por pênaltis. O Real terminou em terceiro, vencendo o Feyenoord no domingo pela contagem de 4 x 2.

A final entre Fluminense e o campeão tcheco foi inteiramente dos brasileiros, muito embora tenham terminado o primeiro tempo num 0 x 0 que não representava de maneira nenhuma o domínio do bicampeão carioca. No segundo tempo o Fluminense entrou para arrasar. Repetindo o lance do seu gol do dia anterior, Luís Carlos, aos 5 minutos, abriu a goleada. Doval, aos 18, ampliou, e o ponta-esquerda Zezé marcou o terceiro.

Com três gols a favor e já com 30 minutos de jogo, o Fluminense passou a tocar a bola, dando um verdadeiro show. Foi quando o Dukla marcou o seu gol de honra. Aos 43, Marinho, de pênalti, encerrava a goleada e a conquista do Troféu Teresa Herrera, com 30 quilos de pura prata.

"RIVELINO FOI APONTADO UNANIMEMENTE COMO O MELHOR JOGADOR DO TORNEIO QUE SE ENCERROU NO DOMINGO"

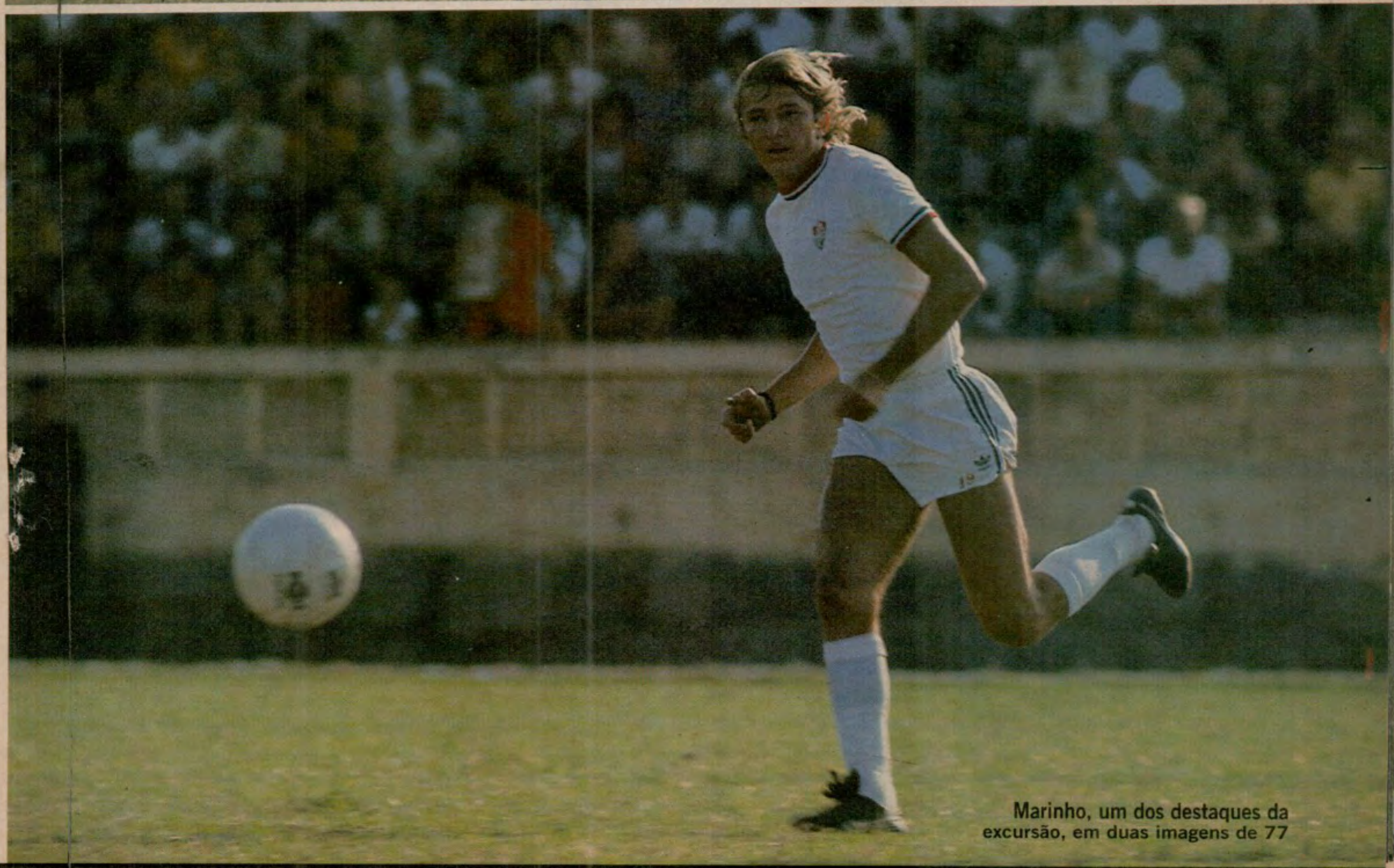
7/8/77 RIAZOR (LA CORUÑA)

FLUMINENSE 4 X 1 DUKLA DE PRAGA

J: Saiz Elizondo (Espanha); **P:** 40 000; **G:** Luís Carlos 38 do 1º; Doval 8, Zezé 16, Vizek (pênalti) 31 e Marinho Chagas (pênalti) 38 do 2º

FLUMINENSE: Wendell, Rubens, Tadeu, Edinho e Marinho Chagas; Carlos Alberto Pintinho, Cléber e Rivelino; Luis Carlos, Doval e Zezé. **T:** Pinheiro

DUKLA: Netolicka, Fiala, Macela, Novak e Samek; Rott (Pelc), Bilsy e Stambacher; Vizek, Nehoda e Gajdusek

ADOLPHO MACHADO

Marinho, um dos destaques da excursão, em duas imagens de 77

ADOLPHO MACHADO

EDINHO FOI O HERÓI do primeiro título do Flu na década de 80. Por isso, foi o personagem escolhido pela reportagem de PLACAR para simbolizar a conquista em cima do Vasco de Zagallo

CHOVEU PÓ-DE-ARROZ

Na hora da decisão é preciso ter a coragem que sobrou ao Flu e faltou ao Vasco de Zagallo. A festa, então, foi do povo tricolor. Com chuva e tudo

>> **POR HIDEKI TAKIZAWA**

Mário cai gritando de dor. Guina é advertido com cartão amarelo. Orlando, olhos esbugalhados, xinga e zomba de Edinho: "Essa bola vai parar na arquibancada." Calmo, Edinho ajeita a bola com carinho. Mazarópi grita para a barreira fechar o ângulo. Mas Edinho já escolheu o seu e parte para a bola. O silêncio de 108 mil pessoas não intranqüiliza o zagueiro. O chute é forte, traiçoeiro: bate no chão, no peito do goleiro e na trave antes de ir para o fundo da rede. Agora, Edinho está sob a pirâmide tricolor. A galera comemora e ele pensa: "Acabei com a banca do Zagallo." Mais tarde, desabafaria:

— Foi um gol de raiva. Mereço ou não ser o titular da Seleção?

Cláudio Adão foi o artilheiro; Gilberto, a revelação. Mas o grande herói do Fluminense na decisão contra o Vasco foi Edinho. Um zagueiro perfeito, que só deu um bico na bola. Imbatível no alto, anulou a única jogada ofensiva de Zagallo, o chuveirinho para Roberto. Edinho diz que entrou em campo certo da vitória:

— A tática do Zagallo é não tomar gol e se possível marcar. Não dava para nos segurar em campo. Nem com violência, como tentaram no começo.

Na festa tricolor, a torcida canta em coro: "Não tem Zagallo, não tem Coutinho, o campeão é o time do Nelsinho!" Edinho está rindo no vestiário, recordando o desespero do Vasco:

— Depois do meu gol, o Zagallo mandou o time avançar. No desespero, porque o Vasco não sabe atacar, abrir espaços para a penetração de seu ataque. Aí, ficou mais fácil.

Agora, o super-herói da decisão está chorando de emoção. Suor, chuva e lágrimas se misturam no rosto do grande líder que, depois de um primeiro turno tranqüilo, ouviu novamente sérias restrições às suas qualidades e ao seu futebol:

— Fiz consciente aquele pênalti contra o Botafogo. Era a única forma de evitar o gol. O empate (2 x 2) nos tirou o segundo turno, mas a má fase foi geral.

Edinho já não está correndo pelo campo, carregando a taça do campeonato, inflamando a torcida tricolor após a conquista do título. Está preocupado em esconder sua camisa e sua faixa de campeão. Estão enroladas uma toalha branca.

— São presentes para minha mulher, Elisa, que me deu muita força depois que deixei de ser convocado pelo Telê.

O sorriso desaparece por instantes daquele rosto alegre. É a recordação do mês de junho, dos treinos na Toca da Raposa, dos amistosos da Seleção Brasileira. De reoente, uma lembrança desagradável: o jogo contra o Chile, no Mineirão — numa falha sua, o Chile marcou um gol. Na decisão com o Vasco, aos 44 minutos, quase o desastre se repete, quase Edinho se converte de herói em vilão:

— Fiquei sem voz quando atrasei a bola para o Paulo Goulart.

A torcida também tremeu. Por um segundo, a bola tomada de Roberto quase fica com Peribaldo, livre na área. Edinho se justifica:

— Pra ser campeão não basta jogar bem e com muita raça. É preciso sorte e isso eu tive naquela jogada, que podia me custar a convocação.

À saída do estádio, um delírio, Edinho passa por um "corredor polonês" — recebe cumprimentos, abraços, afagos na cabeça. Só tem sossego quando entra no carro.

— Fui o herói e acabamos com essa história do Flamengo tetra e com a banca do Vasco.

E seguiu para a festa dos jogadores no Hippopotamus.

"NA FESTA TRICOLOR, A TORCIDA CANTA EM CORO: 'NÃO TEM ZAGALLO, NÃO TEM COUTINHO, O CAMPEÃO É O TIME DO NELSINHO!'"

30/11/80 MARACANÃ (RIO)

FLUMINENSE 1 X 0 VASCO

J: Arnaldo César Coelho; **R:** Cr$ 23 066 750; **P:** 108 957; **G:** Edinho 22 do 2º

FLUMINENSE: Paulo Goulart, Edevaldo, Tadeu, Edinho e Rubens Galaxe; Delei, Mário e Gilberto; Mário Jorge, Cláudio Adão e Zezé. **T:** Nelsinho Rosa

VASCO: Mazarópi, Paulinho, Orlando, Ivã e Marco Antônio; Dudu, Marquinho e Guina (Peribaldo); Catinha (João Luís), Roberto e Wilsinho. **T:** Zagallo

ADOLPHO MACHADO

Edinho pode erguer a taça: acabou a banca de Vasco e Flamengo

ADOLPHO MACHADO

O FLUMINENSE INICIAVA UMA DAS MAIORES FASES DE SUA HISTÓRIA com a conquista do primeiro turno do estadual, quatro pontos à frente do segundo colocado, o América. Na última rodada, jogava pelo empate para levar a taça

FLUMINENSE, O CAMPEÃO INVENCÍVEL

O tricolor não permitiu sequer o sonho ao América. Ganhou por 2 x 0, liqüidando o jogo ainda no primeiro tempo, conquistou a Taça com nove vitórias e nenhuma derrota e mostrou muita união

>> POR MARCELO REZENDE

São muitos os beijos, abraços, gritos: "Fluminense, campeão invicto da Taça Guanabara." São muitos os heróis, do artilheiro Assis a Paulo Vítor, o goleiro menos vazado. São muitas as razões para a festa depois da vitória de 2 x 0 sobre o América, que, mais uma vez, "morreu na praia". E são muitos os números que comprovam a eficiência do campeão: 20 pontos ganhos em 11 jogos, com nove vitórias e dois empates; o melhor ataque, com 21 gols; a defesa menos vazada, com apenas três; e o terceiro artilheiro, Assis, com oito gols.

A torcida grita gol, gol do campeão. Cinco minutos do primeiro tempo: o apoiador Delei cobra o escanteio da esquerda, o centroavante Washington sobe com seu 1,88 m e toca de cabeça para Assis emendar com o bico da chuteira. Flu 1 x 0, um gol nascido de uma cabeçada — como o Fluminense prometera e o técnico Edu, do América, havia dito que não aconteceria.

Trinta e oito minutos do primeiro tempo: Delei recebe pela esquerda, aguarda a penetração do improvisado ponta-direita Leomir, que apenas tem o trabalho de cruzar para a área. O bandeirinha ameaça dar impedimento, mas desiste — nada havia no lance. Na pequena área, a bola sobrou para Assis matar no peito e emendar. Flu 2 x 0.

Foi uma partida simples de definir, com o América indo à frente desordenadamente, sem saber explorar o espaço que o Flu lhe dava de propósito, e o tricolor usando e abusando de contra-ataques eficientes e rápidos com lançamentos de Delei para o ponta-esquerda Paulinho e a dupla Assis-Washington. Isso, no primeiro tempo — porque no segundo o Flu esfriou a partida sem que o adversário reagisse.

Depois, era festa. Todos humildes, todos unidos. Entre eles, apenas um — o apoiador Delei, 24 anos — já vira festa igual no mesmo Fluminense, onde foi campeão carioca de 1980 ao lado de Edinho, Cláudio Adão, Paulo Goulart, todos já negociados. E era justamente Delei quem menos vibrava: participou apenas de meia volta olímpica, segurou com certa timidez a cobiçada taça, deu e recebeu comedidos abraços, até mesmo limitou os sorrisos que em outros rostos eram amplos, fartos.

Delei, o campeão, vivia um drama. Era difícil entendê-lo: participara dos dois gols, fizera pelo menos seis primorosos lançamentos de 40 m e fora, junto com Assis, o melhor em campo. Mas havia motivos, e ele os apresentava: "Sei que tudo isso é passageiro, como foi em 1980. Este ano, os dirigentes colocaram meu passe à venda, diziam que eu não prestava. Porque eu estava barrado, renovaram meu contrato por apenas 400 mil cruzeiros mensais. Pois no fim deste mês venceu meu contrato, e eles que me aguardem: vou pedir muito."

O vestiário está tomado. Antes, na comemoração mais longa já vista no gramado do Maracanã, os jogadores haviam ficado uma hora entre volta olímpica e saudações à torcida. O goleiro Paulo Vítor chegara até a se fantasiar com um chapéu velho e uma boneca de pano, presentes de um torcedor. E foi ele quem, num abraço a Delei, não se conteve: "Você nos ajudou muito, cara."

Fluminense campeão: Delei agora faz a festa, canta e ri, como todos os outros. Motivos para festejar não faltam — até esta quarta-feira, pelo menos, quando todos, unidos como sempre, partem para a conquista do Carioca.

"ERA DELEI QUEM MENOS VIBRAVA: PARTICIPOU APENAS DE MEIA VOLTA OLÍMPICA, SEGUROU COM CERTA TIMIDEZ A COBIÇADA TAÇA. DELEI, O CAMPEÃO, VIVIA UM DRAMA"

11/9/83 MARACANÃ (RIO)
FLUMINENSE 2 X 0 AMÉRICA
J: Arnaldo César Coelho;
R: Cr$ 115 247 000; **P:** 79 275; **G:** Assis 5 e 38 do 1º; **CA:** Zé Augusto e Assis
FLUMINENSE: Paulo Vítor, Aldo, Duílio, Ricardo Gomes e Branco; Jandir, Delei e Assis (Flávio); Leomir, Washington (Paulinho Cascavel) e Paulinho Carioca.
T: Cláudio Garcia
AMÉRICA: Gasperin, Jorginho, Zé Augusto, Everaldo e Aírton; Pires, Gilberto e Carlos Silva (Moreno); Gilcimar, Luisinho Lemos e Gílson Gênio. **T:** Edu Antunes Coimbra

RODOLPHO MACHADO

A ta não

RODOLPHO MACHADO

A taça é de Delei: o América não chegou a ameaçar

O FLUMINENSE CONQUISTOU O TÍTULO estadual na arquibancada, graças à vitória do Flamengo sobre o Bangu.
Mas o gol que passou à história como o do título foi o marcado por Assis no finzinho do Fla-Flu

ASSIS

Herói tricolor, fez o gol que matou o Fla e colocou o Flu com a mão no título, no último minuto do jogo.
E pressente: nem o Bangu roubará esse título

>> **POR MARCELO REZENDE**

Às 3h da madrugada de sábado para domingo, Assis concluía seu ritual de concentração no Fluminense. Telefonara para seis pessoas amigas, entre elas a noiva Ane Valéria, professora curitibana com quem se casará em 1984. A última chamada foi para o ex-companheiro Ivair, do Atlético Paranaense, seu pé de coelho.

"Olha, bicho", profetizou Assis, "domingo à noite nos encontramos nos 'Gols do Fantástico'."

Ivair riu, do outro lado. Mas Assis tivera uma premonição.

O juiz Arnaldo César Coelho olhava o cronômetro, tarde-noite de domingo, prestes a encerrar o Fla-Flu decisivo e sem gols. O empate garantiria a passagem do rubro-negro à finalíssima com o Bangu, tirando o tricolor da luta. Então, Assis invadiu a área.

Um lance antológico. Faltavam exatos 15 segundos para se esgotarem os 45 minutos regulamentares. No campo do Flu, o bandeirinha Eraldo Prevot sinaliza impedimento de Adílio. Delei ajeita rapidamente a bola, perto da linha divisória, e a lança longa para Assis, que penetra pela meia direita, desmarcado. No desespero, o goleiro Raul sai para bloqueá-lo. Assis troca de pé e toca de esquerda. Flu 1 x 0. Do passe de Delei até o gol não mais que 15 segundos transcorreram.

Resultado: o time das Laranjeiras aguarda o resultado da partida Bangu x Fla nesta quarta para saber se precisará partir para um jogo extra. Em caso de empate ou derrota do Bangu, sequer terá de sujar o uniforme para celebrar.

Daí tamanha festa. E, para Assis, uma confirmação: se Delei é o maestro, ele é o herói, o ídolo, o grande astro. Talvez por isso não tenha passado bem de sábado para domingo. É que jamais conseguiu dormir mais de 15 minutos seguidos. Acordou tenso, cansado. Apenas relaxou, confessaria 24 horas depois, ao ouvir uma frase do volante Jandir aos companheiros: "Olha, gente, quem tem esse neguinho Assis no time tem bicho certo."

Domingo cedo, toca o telefone. Ligação internacional, direto de Udine, na Itália. Edinho, que acabara de empatar (2 x 2) com o Juventus, desafia: "Cara, eu e o Zico apostamos umas mussarelas, provolones e vinhos neste Fla-Flu. Quero ganhar, Assis."

Zico entra na linha. Grita do outro lado do Atlântico: "Assis, o Tita é melhor que você!" Fala e ri. Assis também gargalha, mas emenda rápido: "Melhor que eu só você, Zico. E trate de pagar o Edinho, por que o Flu vai massacrar."

Bola com Assis, Flu contra-ataca, Fla rebate duro. O clássico é disputado. Cinco faltas brabas em apenas dez minutos. Outras estariam por vir. Paulinho, ponta-esquerda tricolor, saiu machucado, cabeça cortada por um chute de Figueiredo — já com o lance parado. Jandir socou Tita, longe do juiz, depois de ter levado um pontapé do desafeto.

Com catimba e alguma emoção — Adão perdeu um gol, houve uma bola na trave do Flu aos 45 do primeiro — a partida só teve mesmo descontração nos minutos iniciais, quando um urubu pousou no campo. Foram sete minutos de paralisação até o lateral Aldo, do Flu, agarrar a ave — que é um dos símbolos do Flamengo — e, mesmo bicado, prendê-la.

A galera tricolor delirou, ela que não lotou o estádio como se imaginara. Na verdade, a liminar que o América impetrou, tentando melar o triangular, tirou a credibilidade do campeonato e afastou muito torcedor. Assis considerava seus próprios méritos: "Eu implantei no clube o círculo de oração antes dos jogos. Fizemos isto hoje e era muito grande a corrente positiva para Nossa Senhora Aparecida. No intervalo, disse a Delei: 'Lança que eu marco.' Puxa, era meu segundo pressentimento."

"DELEI AJEITA RAPIDAMENTE A BOLA, PERTO DA LINHA DIVISÓRIA, E A LANÇA LONGA PARA ASSIS, QUE PENETRA PELA MEIA DIREITA, DESMARCADO. NO DESESPERO, O GOLEIRO RAUL SAI PARA BLOQUEÁ-LO"

11/12/83 MARACANÃ (RIO)
FLUMINENSE 1 X 0 FLAMENGO
J: Arnaldo César Coelho;
R: Cr$ 130 622 700; **P:** 83 713;
G: Assis 45 do 2º; **CA:** Aldo, Mozer, Leomir, Washington, Ronaldo e Andrade
FLUMINENSE: Paulo Vítor, Aldo, Duílio, Ricardo Gomes e Branco; Jandir, Delei e Assis; Leomir (Ronaldo), Washington e Paulinho Carioca. **T:** Carbone
FLAMENGO: Raul, Leandro, Figueiredo, Mozer e Júnior; Andrade, Cléo (Lico) e Tita, Lúcio, Edmar (Cláudio Adão) e Adílio.
T: Cláudio Garcia

RODOLPHO MACHADO

RODOLPHO MACHADO

A festa das faixas, em 18 de dezembro: Fla derrotou o Bangu e deu a taça de bandeja

O CORINTHIANS VINHA EMBALADO: goleou e eliminou o Flamengo tricampeão brasileiro. Mas contra o Fluminense a história seria bem diferente: Flu 2 x 0 no Morumbi e 0 x 0 no Maracanã

FLU DÁ AULA NO MORUMBI

A competência carioca acabou com a euforia corintiana: 2 x 0. E o tricolor promete superar o Mengo

O princípio, digamos, é o mesmo da martelada no dedo – a gente sabe que vai levar uma quando tenta pregar um quadro na parede, mas acha que dessa vez vai ser diferente. Por achar que o futebol é assim, o técnico Carlos Alberto Parreira não pensa em mudar as jogadas ensaiadas do Fluminense na partida de volta contra o Corinthians, nesse fim de semana: "Não importa que os adversários saibam como vamos jogar, isso não muda nada. Todos os adversários conhecem a nossa tática, mas será difícil anulá-la porque os rapazes atravessam excelente fase." Dessa forma, o Maracanã assistirá novamente a um Flu fechado sem a bola e contragolpeando rápido, com Washington deslocado para a direita, Assis entrando pelo meio e, em sua combinação mais mortal, a descida do ponta-esquerda Tato acompanhado pelo lateral Branco e em triangulações com Romerito.

Foi desse modo que o time carioca desmontou o Corinthians, domingo último, ganhando por 2 x 0 no mesmo Morumbi em que, na semana anterior, o alvinegro paulista dera um baile no Flamengo e, ao eliminar o dragão, talvez tenha se embriagado com o sucesso. "Eu falei com o doutor aqui que não estava gostando nada dessa euforia excessiva", resmungava pelo vestiário o preparador físico Hélio Maffia.

Em todo caso, será difícil para o Corinthians repetir um futebol tão burocrático quanto o jogado no último domingo. Sufocada pelo Fluminense, que matava as jogadas no meio-campo e partia ligeiro para o ataque, a equipe paulista escapou de perder de mais. Além do irrepreensível esquema tático de Parreira, que a torcida paulista teve de engolir, o Fluminense contou com a gana do centroavante Washington. Há três anos, desde que passou sem brilho pelo Parque São Jorge, o jogador esperava essa oportunidade: "No jogo do Morumbi eu provei que fui um injustiçado no Corinthians, quando todo o time passava pro uma fase ruim."

Washington se deliciava com o chapéu de craque que deu em Mauro, silenciando a torcida corintiana no lance que acabaria no gol de Tato, o segundo do Fluminense. Mas desde o primeiro gol, marcado por Assis de cabeça, as arquibancadas estavam mudas como num jogo de tênis. Em vão o zagueiro Juninho repetiu o gesto da semana anterior, erguendo os braços para a torcida, feito um maestro na regência do coro corintiano.

Acabada a partida, estafado tanto pelo esforço em campo quanto pelas 20 entrevistas que concedeu, o artilheiro Assis — agora com nove gols, junto com Washington — dizia com todas as letras: "Respeito o Corinthians, mas já me sinto na final." O presidente do Flu, Manoel Schwartz, vai mais além: já se vê em Tóquio, disputando o título mundial. "Acabo de acertar contratos milionários de publicidade, e vou presentear nossa torcida com outro craque no campeonato estadual. Estamos no rumo certo para chegar à Libertadores e, depois, ao título mundial." Schwartz ironiza: "Nosso timinho está provando que não é tão fraco assim e, em dois ou três anos, terá o mesmo prestígio do Flamengo."

"O PRESIDENTE DO FLU, MANOEL SCHWARTZ, VAI MAIS ALÉM: JÁ SE VÊ EM TÓQUIO, DISPUTANDO O TÍTULO MUNDIAL"

13/5/84 MORUMBI (SÃO PAULO)

CORINTHIANS 0 X 2 FLUMINENSE

J: Luís Carlos Félix (RJ); **R:** Cr$ 246 078 500; **P:** 90 560; **G:** Assis 39 do 1º; Tato 26 do 2º
CORINTHIANS: Carlos, Édson, Mauro, Juninho e Wladimir; Biro-Biro, Sócrates e Zenon; Paulinho, Casagrande (Ataliba) e Eduardo. **T:** Jorge Vieira
FLUMINENSE: Paulo Vítor, Aldo, Duílio, Ricardo Gomes e Branco; Jandir, Delei (Leomir) e Assis; Romerito (Renê), Washington e Tato. **T:** Carlos Alberto Parreira

RICARDO BELIEL

RICARDO BELIEL

A torcida do Flu se acostumou a essa imagem: o Casal 20 festejando

O TÍTULO BRASILEIRO (desta vez chamado de Copa Brasil — a Copa do Brasil ainda não existia) continuava no Rio, mas agora com o Fluminense. O então campeão carioca derrotou o Vasco em mais uma decisão no Maracanã

E O BRASIL É TRICOLOR

Ao empatar sem gols com o Vasco, o Flu, que havia ganhado por 1 x 0 a primeira partida das finais, é o legítimo campeão do país

Quinze vitórias, nove empates e duas derrotas nas costas, o herói Assis saiu da Copa Brasil capengando pelo túnel do Maracanã, domingo passado. Numa das mãos ele carregava a faixa de campeão, com a outra ele alisava a perna inchada por causa de um pontapé do zagueiro Ivã. Mas um campeão não sente dor. O principal condutor do Fluminense na vitoriosa campanha entrou no vestiário, atirou-se nos braços de seu grande amigo, o centroavante Washington, e caiu no choro. Só se controlou quando as portas foram abertas e muitos dos 88 repórteres de rádio e televisão se aproximaram para ouvir suas palavras, invariavelmente tão criativas como o seu futebol ágil e matreiro. "Essa conquista foi do Parreira", disse ele.

"Olha que engraçado", riu Assis. "Nosso time começou a ser treinado pelo Cláudio Garcia, que, quando jogava, era um meia recuado. Depois entrou o Carbone, um cabeça-de-área, por último veio o Parreira, um ex-goleiro amador. Deveríamos ser os reis de saber jogar atrás, e somos mesmo. Só que também sabemos atacar com uma velocidade impressionante."

De fato, o Fluminense que amarrou o Vasco e entristeceu seu futebol alegre e cheio de toques, quinta-feira e domingo, nas partidas decisivas da Copa Brasil, foi um time que soube explorar todas as suas qualidades. Se no primeiro jogo o campeão surpreendeu o adversário, que era favorito com um esquema impecável na defesa e venenoso no ataque, vencendo com um gol do paraguaio Romerito e perdendo várias oportunidades, no segundo, domingo, seu trabalho foi não ser surpreendido e garantir o empate por 0 x 0 que lhe deu o título.

Um esquema que reabilitou o técnico Carlos Alberto Parreira, que fora muito menos feliz na Seleção. Com a mão na taça, no vestiário do Maracanã, depois de soltar as mágoas numa crise de choro, Parreira agradecia os abraços e explicava à sua maneira o sucesso de uma equipe notável sobretudo pela capacidade de não tomar gols (o goleiro Paulo Vítor foi o menos vazado do campeonato, com dez gols em 18 jogos, numa média de 0,55 por partida). "Somos o time mais compacto na defesa e no ataque. Sem uma estrela, desequilibramos pela vontade, por jogar com o coração."

No outro extremo do país, o humorista gaúcho Luís Fernando Verissimo, colorado no sul, Botafogo no Rio, torceu para o campeão por outros motivos. "Acho que na verdade mais contra os baixinhos do Vasco do que pelo Fluminense. A derrota deles foi um bem para o futebol brasileiro. Não gosto desse jogo alegre do Edu", diz. Washington chorava abraçado a Assis. "Estou emocionado, por mim, pelo meu amigo Assis, que insistiu para eu vir para o Flu." Enquanto nas Laranjeiras os primeiros dos 3 mil torcedores caíam no chope liberado pela diretoria, os craques punham suas melhores roupas para a festa na casa noturna Scala, Washington e Assis, a dupla siamesa de área, saía do Maracanã com suas noivas curitibanas, também amigas inseparáveis — Anne Valéria, 16 anos, a futura senhora Assis, e Elaine de Sousa, 15 anos, a paixão de Washington. E a primeira coisa que ele fez como campeão foi raspar a barba. Era sua promessa para fazer o Brasil tricolor.

"PARREIRA EXPLICAVA O SUCESSO DE UMA EQUIPE NOTÁVEL, SOBRETUDO PELA CAPACIDADE DE NÃO LEVAR GOLS"

27/5/84 MARACANÃ (RIO)

FLUMINENSE 0 X 0 VASCO

J: Romualdo Arppi Filho (SP); **R:** Cr$ 638 160 000; **P:** 128 781; **CA:** Roberto, Romerito, Daniel González, Aldo, Mário e Jandir

FLUMINENSE: Paulo Vítor, Aldo, Duílio, Ricardo e Branco; Jandir, Delei e Assis; Romerito, Washington e Tato. **T:** Carlos Alberto Parreira

VASCO: Roberto Costa, Edevaldo, Ivan, Daniel González e Aírton; Pires, Mário e Arthurzinho; Jussiê (Marcelo), Roberto e Marquinho. **T:** Edu Antunes Coimbra

FOTOS RICARDO CHAVES

Ass
no

Assis contra Roberto Costa:
no fim, deu Fluminense

FOTOS RICARDO CHAVES

COMO NO ANO ANTERIOR, o título foi conquistado sobre o Flamengo, com gol de Assis. Só que desta vez não foi preciso esperar mais um jogo para comemorar

FLU É BICAMPEÃO. VIVA O FUTEBOL!

Onze talentosos guerreiros, liderados pelo cracão Romerito, ganham brilhantemente mais um título e fecham a temporada como o melhor time brasileiro

>> POR HIDEKI TAKIZAWA E TIM LOPES

O garoto Bebeto passou a semana convencendo seus companheiros de Flamengo a levar as camisas da decisão para a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, em Salvador. Bebeto estava certo de que ganharia o jogo final e o título. Mas o azar de Bebeto é que o Fluminense também tem o seu baiano, o centroavante Washington, que também estava convencido de que seria campeão no domingo: "O Senhor do Bonfim já ajudou o menino na Taça Guanabara e, agora, é a minha vez. Já prometi minha camisa e tenho certeza de que não serei desamparado no Fla x Flu."

Pode até ser que, espremido entre os pedidos dos dois times e das duas torcidas, o Senhor do Bonfim tenha resolvido, olimpicamente, lavar as mãos, mas o centroavante tricolor leva sobre o ponta-direita rubro-negro a vantagem de ter um amigo mais eficiente dentro dos campos de futebol: o meia Assis, que fez o gol da vitória sobre o Fla, aos 30 minutos do segundo tempo, confirmando a mística do "Casal 20".

Jogando sério, em boa forma física, o Fluminense não é apenas o melhor time do Rio de Janeiro, mas o melhor time do Brasil — o único dos grandes times, aliás, de que qualquer torcedor sabe a escalação há quase dois anos. É um grande campeão, não resta dúvida, a começar do goleiro Paulo Vítor, que esbanjou categoria na final, depois de fazer uma temporada irrepreensível. Na defesa, o Flu tem dois ótimos laterais: Aldo tem condições de disputar uma vaga na Seleção e Branco é convocação praticamente certa, qualquer que seja o técnico. E o reserva de Branco, o garoto Renato, mostrou mais uma vez que também entende do riscado: jogou a final com a mesma tranqüilidade que já havia mostrado contra o Vasco, na decisão do Campeonato Brasileiro. O meio de área evidentemente sente a falta do cracão Ricardo, outro candidato à Seleção e o mais jovem do time, com apenas 19 anos. Mas Duílio e Vica deram conta do recado — tanto que o Flu terminou o campeonato com a defesa menos vazada.

O meio-campo é o ponto alto do time. Os sóbrios e aplicados Leomir e Renê, o fora-de-série Romerito e o talentoso Assis formam um meio-campo absolutamente moderno, mordedor na defesa, velocíssimo na armação dos contra-ataques, insinuante no toque de bola entre as intermediárias e eficaz nos arremates. No ataque, o tricolor se vale do oportunismo e dos deslocamentos de Washington e da habilidade do ponta-esquerda Tato.

Grande campeão, pois, este Fluminense que bateu o Flamengo promissor de Fillol, Leandro, Bebeto, Adílio e ilustre companhia. Um campeão para emocionar o jovem Cláudio Ibrahim Vaz Leal, gaúcho de Bagé, 20 anos, que andava de um lado para outro no corredor estreito das cabines de rádio e televisão do Maracanã, com ar nervoso e os olhos vermelhos, falando como se estivesse em campo: "Cerca, Renê, cerca", "Vai, Romero, leva o time." Depois do jogo, a emoção de ser levado no colo pelo goleiro Paulo Vítor para junto da torcida, que o reconhece e saúda: "Branco, Branco, Branco!" Aí, foi só largar a alma e chorar convulsivamente: "Ser torcedor é o maior sofrimento." Pode ser, mas não para quem é Fluminense.

"O MEIO DE ÁREA EVIDENTEMENTE SENTE A FALTA DO CRACÃO RICARDO, CANDIDATO À SELEÇÃO E O MAIS JOVEM DO TIME, COM APENAS 19 ANOS. MAS DUÍLIO E VICA DERAM CONTA DO RECADO"

RODOLPHO MACHADO

16/12/1984 MARACANÃ (RIO)

FLUMINENSE 1 X 0 FLAMENGO

J: José Roberto Wright; **R:** Cr$ 788 175 000; **P:** 153 520; **G:** Assis 30 do 2º; **CA:** Mozer, Aldo, Adalberto e Washington
FLUMINENSE: Paulo Vítor, Aldo, Duílio, Vica e Renato; Leomir, Renê e Assis; Romerito, Washington e Tato.
T: Carlos Alberto Torres
FLAMENGO: Fillol, Jorginho, Leandro, Mozer e Adalberto; Andrade, Adílio e Tita; Bebeto, Nunes e Élder. **T:** Zagallo

RODOLPHO MACHADO

Assis mais uma vez decidiu: o tricolor podia festejar

O TRI ESTADUAL SE ANUNCIAVA com a conquista do primeiro turno. PLACAR contou a história do título centrada em um personagem — o eterno Delei, presente em todas as vitórias tricolores da década

NA ROTA DO NOVO TRI

Depois de conquistar, invicto, a Taça Guanabara, o Flu de Delei, Romerito e o técnico Nelsinho parte para outra façanha em sua história de glórias

» POR TIM LOPES

"Alô, mamãe!", saudou emocionado Delei, nos microfones da Rádio Norte Fluminense. Ao redor do capitão do Fluminense, o gramado do Maracanã se transformara, no fim da noite de quarta-feira passada, em um verdadeiro pandemônio. Torcedores, jogadores e dirigentes tricolores se misturavam aos gritos na comemoração da conquista da Taça Guanabara, após a vitória de 1 x 0 sobre o América — que, além desse cobiçado título, garante a presença do time na final do Campeonato Carioca. Dona Conceição, a mãe de Delei, escutava a mensagem radiofônica do filho a 200 km de distância, em Volta Redonda, e sabia que no dia seguinte contaria com o apetite do vigoroso atleta de 26 anos na mesa de almoço.

Aliás, esta é uma cerimônia que se repete muito desde que Delei se tornou profissional no Fluminense, em 1980. Logo no ano de estréia, ele ganhou sua primeira Taça Guanabara, façanha que teve seqüência em 1983, 84 e agora, sempre premiadas com lautos almoços.

Na verdade, poucos jogadores podem orgulhar-se de um currículo igual. Se o Flu ostenta a mais fulminante campanha dos anos 80 entre os times cariocas — parte para a conquista do quarto tricampeonato de sua história (em 1909, chegou ao tetra) —, Delei é a única testemunha em campo de todas estas últimas conquistas. E nelas costuma se dedicar com especial abnegação ao papel de herói. De fato, ele é o único do elenco que foi campeão carioca em 1980, e bi em 1983/84.

A virada do Fluminense em time campeão começou justamente em 1980, sob o comando do técnico Nelsinho — que agora voltou, depois de quase quatro anos pelos Emirados Árabes. O time, apesar dos baixos salários, foi campeão carioca.

No ano seguinte, Nelsinho saiu, os salários subiram e o futebol desapareceu. "Acho que foi uma espécie de democracia tricolor, mas nós não tínhamos cabeça para transar tanta liberdade", confessa Delei. Foi uma temporada de grande desilusão profissional, com a torcida mostrando pela primeira vez sua face feia ao jovem jogador: pedradas nos antigos heróis e muros pichados substituíam os aplausos do ano anterior. O elenco foi desfeito e surgiu então o técnico Cláudio Garcia com grande dose de ousadia e sorte. Apostou em jovens talentos, como Tato, ou em outros que não eram estrelas de primeira grandeza, como Assis. Nessa época, o grupo descobriu a importância do companheirismo, estimulado por Garcia. "Nunca como nessa época o lado afetivo do Fluminense foi tão desenvolvido", recorda Delei. Mas amor com amor não se paga no futebol. Sem o título, Garcia caiu.

A mão de Carlos Alberto Parreira ensinou a Delei os caminhos da tática e da técnica. "Ele era um superprofissional", constata o capitão. Um Fluminense de estratégia perfeita foi campeão carioca de 1983, mas os dólares árabes acabaram levando também Parreira.

No campeonato seguinte, o técnico Luís Henrique foi bombardeado por um impacto extracampo: alguns jogadores decidiram apoiar a campanha presidencial de Paulo Maluf. "O povo ficou contra nós e perdemos a capacidade de concentração", diz Delei, que se recusou a ir a Brasília para posar ao lado de Maluf. Mas veio o segundo turno e, sob o comando de Carlos Alberto Torres, ninguém conseguiu evitar a caminhada do Fluminense rumo ao bi.

"SE O FLUMINENSE OSTENTA A MAIS FULMINANTE CAMPANHA DOS ANOS 80 ENTRE OS TIMES CARIOCAS, DELEI É A ÚNICA TESTEMUNHA EM CAMPO DE TODAS ESTAS ÚLTIMAS CONQUISTAS"

9/10/85 MARACANÃ (RIO)
FLUMINENSE 1 X 0 AMÉRICA
J: Pedro Carlos Bregalda; **P:** 47 160; **G:** Romerito 38 do 2º
FLUMINENSE: Ricardo Lopes, Aldo, Vica, Ricardo Gomes e Branco; Jandir, Delei e Romerito; Renê (Maurão), Washington e Tato (Assis). **T:** Nelsinho Rosa
AMÉRICA: Paulo Sérgio, Polaco, Bene, Denílson e Paulo César; Müller, Demétrio e Gaúcho (César); Maurício, Kel e Canhotinho (Zó). **T:** Antônio Leone

Delei, o herói da conquista:
passo para o tri estadual

INESQUECÍVEL DECISÃO. O Flu começou perdendo, mas empurrado pela massa que lotou o Maracanã, chegou à vitória. Com direito àquele pênalti não marcado no final

TRICOLOR DE CORAÇÃO

A emocionante história da dramática noite de 18 de dezembro de 1985, quando o Fluminense, com alma e garra, conquistou seu terceiro tricampeonato

>> POR MÍLTON COSTA CARVALHO E TIM LOPES

De virada, no segundo tempo, bem de acordo com o figurino tricolor. Uma frenética festa que começou com a entrada do time em campo. Nuvens de pó-de-arroz, bandeiras por todo o estádio e fogos de artifício na cor vermelha saudaram os craques. Festa que não se apagou nem aos 4 minutos de jogo, quando o genial Marinho pulou mais alto que todos os zagueiros do Fluminense e, sem chances para Paulo Vítor, colocou a bola na rede. O estádio, então, voltou a se incendiar. Espremida, a torcida do Bangu viu sua comemoração ser abafada pelo grito entoado: "Nensêêê..."

A partir daí, um Flu irresistível apareceu em campo. Delei se desprendeu da marcação rígida de Arturzinho e Mário, e começou a dividir com Romerito todos os espaços do campo. Jandir parecia um míssil pela área adentro do Bangu quando invadia a defesa com a bola dominada. Ricardo, com sua técnica apurada, interrompia quase todos os contra-ataques adversários. Lá no alto, a galera apelava aos céus, cantando a uma só voz o hino "João de Deus", criado durante a visita do papa João Paulo II ao Brasil, em 1980.

E, tão incendiada quanto o time, a torcida pressentia que o tri estava a cada instante mais perto. O Bangu, enlouquecido, foi-se apequenando, desestruturando-se, encolhendo-se em seu campo. Marinho, sozinho na frente, erguia os braços, em desespero, pedindo que o time fosse à frente. Inutilmente. O Fluminense, time e torcida, era uma força só a marcar, a encurralar, até que, aos 18 minutos do segundo tempo, Paulinho se aproveita de uma confusão na área e passa a bola com um toque em diagonal para Romerito. O craque livra-se de Baby e, meio desequilibrado, meio caindo, toca quase no meio do gol.

Era o empate e a esperança do tri, que viria aos 31 minutos, de uma falta de Jair em Washington. Jandir é quem queria cobrar, mas parou ao ouvir o grito de Delei: "Não, deixe para o Paulinho, ele acertou todas no treino." E Paulinho logo se lembrou de uma dica de Getúlio, o querido Carão, cansado de fazer gols de falta em Gilmar, quando o goleiro era do Palmeiras e ele lateral do São Paulo. "É no meio, mete no meio, porque ele sempre sai para um dos lados", lembrou-se o bom aluno. Não deu outra.

O jogo, porém, nem acabaria. Aos 46 minutos e meio, quando todo o Maracanã já esperava seu fim, o destino, na figura do árbitro José Roberto Wright, foi cruel com o Bangu: um pênalti claro de Vica em Cláudio Adão, que poderia trocar a festa de lado, já que o Bangu seria campeão com o empate, não foi marcado. E começou a pancadaria. O ex-lateral do Vasco, Alfinete, desta vez no papel de auxiliar técnico de Moisés, foi um dos que deram um pique em campo até agredir Wright.

Wright revidou sempre e ainda atônito, após o jogo, se contradizia. Primeiro tentou dizer que já encerrara a partida no momento do pênalti: "Vi Paulinho perder a bola no meio do campo e me virei para o centro do gramado enquanto a bola ia para a área do Fluminense. Estava me preparando para acabar o jogo." Mas por que, então, dar cartão vermelho a Mário, Arturzinho e Perivaldo? Depois, quando se corrigiu e disse que, no momento do pênalti, já tinha acabado o jogo, afirmou que puxara o cartão "num ato de puro reflexo". Acabou na delegacia dando queixas contra Alfinete. Um corte sangrava em sua orelha direita.

"WRIGHT REVIDOU SEMPRE E AINDA ATÔNITO, APÓS O JOGO, SE CONTRADIZIA. PRIMEIRO TENTOU DIZER QUE JÁ ENCERRARA A PARTIDA NO MOMENTO DO PÊNALTI"

18/12/85 MARACANÃ (RIO)

FLUMINENSE 2 X 1 BANGU

J: José Roberto Wright; **P:** 88 162; **G:** Marinho 4 do 1º; Romerito 18 e Paulinho 31 do 2º; **E:** Mário, Perivaldo e Arturzinho

FLUMINENSE: Paulo Vítor, Beto, Vica, Ricardo Gomes e Renato Martins; Jandir, Delei e Renê; Romerito, Washington e Tato (Paulinho). **T:** Nelsinho Rosa

BANGU: Gilmar, Perivaldo, Jair, Oliveira e Baby; Israel, Arturzinho e Mário; Marinho, Fernando Macaé (Cláudio Adão) e Ado. **T:** Moisés

SERGIO BEREZOVSKY

SERGIO BEREZOVSKY

Romerito: autor do primeiro gol da virada que valeu o tri

PLACAR CONVIDOU UM TRICOLOR ILUSTRE, o humorista Beto Silva, do grupo Casseta & Planeta, para contar a história do maior Fla-Flu de todos os tempos

ONZE VEZES RENATO

No Fla-Flu decisivo, o atacante valeu por um time inteiro e deu o título ao Fluminense. Como ele sacaneou os favoritos e acabou com a mão na taça de campeão

>> POR BETO SILVA

Era a única notícia, era a única conversa. Se caísse uma bomba atômica em algum lugar, a tragédia seria relegada a segundo plano. Se o Fernando Henrique desfilasse vestido de boneca pela avenida Presidente Vargas ninguém ia perceber. Só o Fla-Flu era importante no Rio de Janeiro. A cidade toda se preparou para a festa, todos estavam ligadíssimos na partida. Mas parece que se esqueceram de avisar isso ao time do Flamengo. Os rubro-negros não entraram em campo no primeiro tempo.

O Fluzão jogou sozinho, passeou, fez o que quis. Logo aos 30 minutos, Renato Gaúcho calou a torcida urubu marcando 1 x 0. Gol de craque. Pouco depois, Márcio Costa deu um chute meio sem pretensões e o goleiro Roger soltou a bola, que sobrou para o Leonardo enfiar: 2 x 0.

É importante chamar a atenção sobre uma coisa: mesmo com a festa linda da final, mesmo com o Maracanã lotado, continuou o problema da evasão de renda e dos ingressos falsos no estádio. Um caso absurdo ilustra essa situação: um jogador, um tal de Romário, conseguiu entrar de graça no estádio e, apadrinhado não se sabe por quem, assistiu ao jogo de dentro do campo. É impressionante!

Mas veio o segundo tempo e os tricolores pensaram:

— Pô, futebol é espetáculo. Se a gente enfia logo uma cacetada de gols no Flamengo o jogo fica sem graça. Vamos deixar esses manés empatarem. E os manés empataram. Faltavam dez minutos para o final do jogo e o Flamengo conseguiu fazer 2 x 2. A torcida urubu vibrava, pois empatar com o Fluminense era mesmo uma façanha. Logo em seguida, o lateral Lira foi expulso. E agora? Fazer mais um gol e com um jogador a menos. Aos 42 minutos do segundo tempo o Flusão mostrou que este Campeonato era seu. Aílton pegou uma bola pelo lado direito, dominou e procurou o Branco, que devia estar por ali marcando. Mas tinha dado um branco no Branco e ele esqueceu que era lateral. Aílton estava sozinho, entrou na área e apareceu o Charles Guerreiro para marcá-lo. Aílton deu um come no Charles pra esquerda e o Charles ficou descadeirado. Aílton deu outro drible, agora pra direita. Até hoje o Charles vagueia pelos becos querendo saber onde está o Aílton. O jogador tricolor chutou e, como vocês sabem, a bola sempre procura o craque. Renato dentro da área respondeu:

— Você está procurando um craque? Então é comigo mesmo.

Mas Renato não ia fazer um simples gol com o pé ou com a cabeça. Futebol é espetáculo. Este Campeonato Carioca merecia um gol diferente. E Renato fez o gol de umbigo! A bola chutada por Aílton bateu no umbigo do Renato e morreu no fundo das redes. Era o gol do título, o golaço do título. Gol de umbigo aos 42 do segundo tempo.

Ninguém acreditava no Fluzão, só a sua torcida. E lá foi o Flu cavando três pontinhos aqui, três pontinhos ali, correndo por fora. Seu técnico, Joel Santana, o melhor do Campeonato, foi armando o time aos poucos. Primeiro, o gol. Enquanto o Vasco tinha Carlos Germano, um goleiro com nome de cantor de tango decadente, o Tricolor tinha um goleiro com nome de lorde inglês: Wélerson. Qual é o locutor que não gosta de gritar: "WWWWWeeeeellleeeerrrrso nnnnnn"?

O Flamengo tem tanto medo do Fluminense que diz isso até no seu hino ("no Fla-Flu é um ai-Jesus"). Enfim, Vasco e Botafogo que me desculpem, mas Fla-Flu na final é fundamental. Principalmente porque não existe coisa melhor do que ganhar um título em cima do Flamengo. Talvez comer a Sharon Stone. Mas eu fico na dúvida. Sexo é bom, mas ganhar Fla-Flu na final dura mais tempo.

"UM TAL DE ROMÁRIO CONSEGUIU ENTRAR DE GRAÇA NO ESTÁDIO E, APADRINHADO NÃO SE SABE POR QUEM, ASSISTIU AO JOGO DE DENTRO DO CAMPO"

RICARDO CORRÊA

25/6/95 MARACANÃ (RIO)
FLUMINENSE 3 X 2 FLAMENGO

J: Léo Feldman; **R:** R$ 1 621 850; **P:** 109 204; **G:** Renato Gaúcho 30 e Leonardo 42 do 1º; Romário 26, Fabinho 32 e Renato Gaúcho 41 do 2º; **CA:** Rogerinho, Charles, Renato Gaúcho, Marcos Adriano, Márcio Costa, Branco e Jorge Luís;
E: Sorley, Marquinhos, Lira e Lima
FLUMINENSE: Wélerson, Ronald, Lima, Sorley e Lira; Márcio Costa, Aílton, Djair e Rogerinho (Ézio); Renato Gaúcho e Leonardo (Cadu). **T:** Joel Santana
FLAMENGO: Roger, Marcos Adriano (Rodrigo), Gélson, Jorge Luís e Branco; Charles Guerreiro, Fabinho, Marquinhos e William (Mazinho); Romário e Sávio.
T: Wanderley Luxemburgo

SERGIO MORAES

RICARDO CORRÊA

SERGIO MORAES

Renato, encarando a chuva e festejando o gol histórico

PARECIA NÃO HAVER NADA PIOR do que ter que disputar a Série B do Brasileiro. Havia, sim: a torcida do Fluminense ainda teria que amargar novo rebaixamento, para a Série C de 1999

FLU CAI NA REAL

Antes da estréia na segundona, a cartolagem dizia que aquele era o primeiro passo rumo a Tóquio. Quatro rodadas depois, o Flu dava de cara com a dura realidade: a lanterna do seu grupo

O céu estava escuro, carregado de nuvens. Chovia um pouco e fazia frio. Os moradores de Osasco, na Grande São Paulo, certamente teriam preferido passar o domingo, 9 de agosto, trancados em casa, não fosse o singular acontecimento futebolístico marcado para aquela tarde na cidade. No caminho para o estádio José Liberatti, faixas penduradas em postes anunciavam: "Sensacional! Campeoanto Brasileiro em Osasco: Juventus x Fluminense".

Tratava-se da estréia do tricolor carioca em campos da segunda divisão do futebol brasileiro. Sim, porque o primeiro jogo do Flu na Segundona — derrota de 3 x 2 para o ABC de Natal, diante de incrédulos 30 mil torcedores — foi disputado no Maracanã, como parte da estratégia do técnico Delei para que o time não se deixasse contaminar por um certo "complexo de segunda divisão". E era chegada a hora de encarar a realidade.

Na semana que antecedeu o jogo de Osasco, os dirigentes tricolores tentaram uma última manobra de tapetão. Mudaram o local da partida, originalmente marcada para a Rua Javari (o folclórico campo do Juventus no bairro da Mooca, em São Paulo). Ruim na Javari, pior no José Liberatti. No modesto estádio municipal de Osasco não cabem mais que 7 800 pessoas e os jogos só podem ser realizados durante o dia, porque não há refletores. O ônibus que trazia a delegação do clube carioca nem pôde entrar: não passava do portão.

Os jogadores seguiram a pé para o vestiário de visitantes, pequeno e improvisado. Do lado de fora, tudo muito precário. Basta dizer que os portões laterais do estádio tiveram de ser cobertos por lonas pretas. Dali, alguns curiosos tentavam espiar o jogo sem pagar. Definitivamente teria sido mais digno jogar na Javari. Na derrota para o modesto Juventus, por 1 x 0, os 70 torcedores do Flu não se conformaram. Alguns invadiram o campo, outros choraram, os mais violentos tentaram escalar a abertura das cabines de rádio para agredir dirigentes do clube. Antes da estréia na segundona, a cartolagem dizia que aquele era o primeiro passo rumo a Tóquio. A lógica indicava que, em 1999, o clube já estaria no lugar de onde nunca deveria ter saído. Quatro rodadas depois, o Flu dava de cara com a dura realidade: a lanterna do seu grupo, o que o aproxima muito mais da Terceira Divisão do que da decisão do Mundial Interclubes.

"O PRIMEIRO JOGO DO FLU NA SEGUNDONA FOI DISPUTADA NO MARACANÃ, COMO ESTRATÉGIA DE DELEI PARA QUE O TIME NÃO SE CONTAMINASSE POR UM CERTO 'COMPLEXO DE SEGUNDA DIVISÃO'"

9/8/98 JOSÉ LIBERATTI (OSASCO)
JUVENTUS 1 X 0 FLUMINENSE
J: Carlos Jack Rodrigues Magno (PR); **R:** R$ 7 417; **P:** 1 561; **G:** Ramos 32 do 1º; **CA:** Camilo, Ramos, Sérgio Soares, Nonato, Viana, Roni
JUVENTUS: Willians, Japinha, Camilo, Marcão (Luizão) e Esquerdinha; Ramos (Baiano), Marcelo, Betinho (Andreir) e Sérgio Soares; Carmo e César Mendes. **T:** Brida
FLUMINENSE: Ronaldo, Flávio, Júnior, Adílson e Nonato; Júlio César, Viana, Gil Baiano (Marco Brito) e Claudinho (Roger); Roni e Magno Alves (Castro). **T:** Delei

FOTOS: PISCO DEL GAISO

Momentos duros: o time deixando o campo derrotado e humilhado

FOTOS: PISCO DEL GAISO

AOS POUCOS, O FLU recuperou a dignidade. O passo mais importante foi o sofrido título da terceira divisão em 1999. No ano 2000, uma virada de mesa poria o time de volta na primeira divisão, mas o importante é que dentro de campo a honra havia sido salva

A ESTRELA SOBE

O tetracampeão Parreira confere dignidade à campanha do Fluminense na Terceira Divisão

O Fluminense, considerado o mais aristocrático clube do Brasil, se despiu da imponência e chega aos 97 anos como plebeu. O dinheiro é escasso, o elenco limitado e até a identidade com a torcida tricolor não é mais a mesma. Ficou arranhada após os três *rebaixamentos consecutivos*, que culminaram com a renúncia de dois presidentes, Gil Carneiro de Mendonça e Álvaro Barcellos.

Mas a chegada de Parreira, um técnico que trabalhou na Espanha, nos Estados Unidos, na Turquia e nos Emirados Árabes, mudou vertiginosamente as condições de trabalho do time. Apesar do rebaixamento para a Terceira Divisão, o Fluminense deste ano mostrou evolução em relação ao de 1998. Se não no campo, pelo menos na infra-estrutura. A vinda da comissão técnica tetracampeã do mundo impôs melhorias. O departamento de futebol, o vestiário e a sala de musculação foram reformados com aparelhagem de última geração num gasto de 100 000 reais. "Mas a terceira divisão é uma outra realidade e se temos um ideal e temos que nos adaptar à ela", constata Parreira, que recentemente recusou propostas do Santos e do Corinthians para voltar à Primeira Divisão.

Dificuldades é o que não faltam ao Flu. A ajuda financeira da CBF é zero. Com o caixa à beira do CTI, a única fonte efetiva *de receita é, ironicamente*, a Unimed Assistência Médica, que estampa o nome na camisa. Um contrato que rende 180 mil reais por mês. Para se ter uma idéia, o Flamengo recebe do patrocinador, a Petrobrás, 450 mil reais por mês.

Na areia movediça que é a Série C, o Fluminense está pagando para enfrentar times como o Dom Pedro II, uma equipe formada por bombeiros de Brasília. Segundo o presidente tricolor, David Fischel, o gasto mensal da equipe está em torno de 1,25 milhão de reais, incluindo: folha de pagamento (cerca de 400 000 reais), viagens e despesas com hospedagem ao longo dos quatro meses de competição. O Vasco, por exemplo, gasta mensalmente cerca de 3,75 milhões de reais.

"O Fluminense desembolsa 20 mil reais por jogo. Estamos conscientes do prejuízo. E, mesmo que alcancemos o único objetivo de ascender à Série B, a receita dos jogos nem sequer dará para empatar com as despesas", admite Fischel, resignado. Além do fracasso financeiro, a Série C é uma pedreira no campo. A maioria dos gramados é ruim, os está*dios têm condições precárias* e as torcidas ficam em cima dos adversários. "E todos querem tirar uma casquinha do Fluminense, que é a principal atração e tem a obrigação de vencer", admite o técnico Carlos Alberto Parreira.

Mas o que importa é vencer a Terceira Divisão. Para isso, Parreira conta com os olheiros Duílio e Clayton Val, encarregados assistir aos jogos dos adversários desconhecidos. Além das dicas para neutralizá-los, os observadores dão informações sobre os acanhados estádios (verdadeiros alçapões), onde o Tricolor tem de jogar. "Antes de iniciar a competição, já sabíamos que iríamos enfrentar todas essas dificuldades. Como nosso objetivo é voltar à Série B, temos de nos sintonizar no clima da Terceira Divisão e coroar nosso trabalho com o título", finaliza.

"O PRIMEIRO JOGO DO FLU NA SEGUNDONA FOI DISPUTADA NO MARACANÃ, COMO ESTRATÉGIA DE DELEI PARA QUE O TIME NÃO SE CONTAMINASSE POR UM CERTO 'COMPLEXO DE SEGUNDA DIVISÃO'"

FOTOS: EDUARDO MONTEIRO

Jogar no Maracanã pela terceira divisão. Vexame? Não: motivo de orgulho

FLUMINENSE CAMPEÃO BRASILEIRO 1984

EM PÉ: Aldo, Paulo Vítor, Duílio, Ricardo Gomes, Jandir e Branco; AGACHADOS: Romerito, Delei, Washington, Assis e Tato